

Cumbuca

Aracaju - Ano VI - Nº 21 Dezembro/18 - R\$10,00



EDISE



9 772317 511003 CCC 21



Expediente

Editor

Amaral Cavalcante

Produção

Cândida Oliveira

Design Gráfico

Carol Patriarca
Cícero Guimarães
Liz Carvalhal

Revisão

Yuri Gagarin
Cândida Oliveira

Coordenador de Pré-impressão

Marcos Nascimento

Gerente Editorial

Jeferson Melo

Colaboradores - Neste Número

Aglaé d'Ávila Fontes (escritora/folclorista) • Núbia Marques (escritora) • Janaína Couvo (pesquisadora) • Rian Santos (jornalista) • Álvaro Müller (jornalista) • Pascoal Maynard (jornalista) • Maria Olga de Andrade (professora) • Flávio Antonini (poeta) • Zeza Vasconcelos (escritor) • João Augusto Gama (colaborador) e Chico Varela (escritor)

Cumbuca

Ano VI | Número 21

cumbuca@segrase.se.gov.br

(79) 3205-7421/7400

Rua Propriá, 227 - Centro

Aracaju - SE

CEP: 49010-020



Governo do Estado de Sergipe

Governador

Belivaldo Chagas Silva

Secretário de Estado de Governo

Benedito de Figueiredo

Secretário de Estado da Comunicação

José Sales Neto



Serviços Gráficos de Sergipe

Diretor-Presidente

Ricardo José Roriz Silva Cruz

Diretor Industrial

Milton Alves

Diretor Administrativo-Financeiro

Marcos Antônio Moura Sales

A Revista Cumbuca não se responsabiliza por conceitos emitidos nas matérias assinadas.

Cumbuca conta com o apoio da Secretaria de Comunicação Social do Governo do Estado de Sergipe.

carta ao leitor

A Revista Cumbuca tem recebido o prestigioso apoio de artistas, intelectuais e pessoas ligadas à divulgação de temas culturais, oriundos de diversos segmentos sociais, no estado de Sergipe e além fronteiras. Enviado pelo Governo do Estado para personalidades destacadas na administração pública federal e para formadores de opinião com espaço em veículos de reconhecido prestígio, Cumbuca vem se tornando um importante canal de divulgação da feição sergipana, demonstrando, com apuro editorial e elegância estética a nossa melhor arte e nossas mais caras peculiaridades culturais.

Esta edição se inicia com um artigo da professora Aglaé Fontes Dantas sobre as comemorações natalinas em Sergipe, seguido de crônica assinada pela escritora Núbia Marques, falecida em agosto de 1999, contestando a excessiva comercialização dos temas natalinos em detrimento à simbologia religiosa de que aquela data se reveste. Adiante, a professora e pesquisadora Janaina Couvo apresenta as atividades de encerramento do ano no Abaçá São Jorge, um dos mais importantes templos do candomblé em Aracaju, fundado pela Babalorixá Nanã e atualmente dirigido pela sua filha de santo Marizete.

O jornalista Rian Santos nos traz matéria sobre o grupo de reggae Reação e o jornalista Álvaro Müller relata a sucesso do grupo sergipano As Moendas que na década de 1970 percorreu o mundo acompanhando em shows e recitais de Bossa Nova a celebre dupla Vinicius de Moraes/Toquinho. A professora Olga Dantas traz um substancial relato sobre as atividades da Sofise em prol da divulgação da música erudita em nosso meio e o jornalista Pascoal Maynard apresenta o trabalho do escultor Josesmir da Silva Costa (Ofá Modé).

Poemas do artista plástico e poeta Flávio Antonini são apresentados com ilustrações do próprio autor, enquanto o escritor Zeza Vasconcelos assina resenha sobre o livro "O Anofelino Solerte", do escritor Marcos Cardoso, editado recentemente pela nossa Editora Diário Oficial de Sergipe - Edise, da Segrase. Encerrando a edição um interessante relato assinado pelo colaborador João Augusto Gama e pelo escritor Chico Varela sobre as atividades de resistência cultural empreendidas pelo Centro Popular de Cultura (CPC) em plena ditadura militar, do qual tomaram parte.

Boa leitura

Amaral Cavalcante - Editor

40 anos de Mamulengo Cheiroso



Capa:
Carol Patriarca

Foto de capa:
Adilson Andrade



14

Porque não comemoro o Natal

Núbia N. Marques



4

Eu gosto mesmo é do menino

Aglaé Fontes



16

O Abaçá São Jorge e a festa de lansã

Janaina Couvo



24

Beliscando Falcões

Rian Santos



28

As Moendas

Álvaro Müller



34

"A Origem" de Ofá Modé

Pascoal Maynard



38

Sociedade Filarmônica de Sergipe

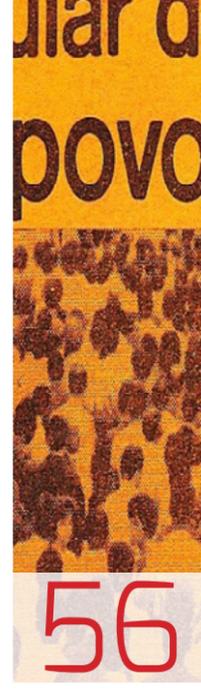
Maria Olga de Andrade



52

O anofelino solerte (Resenha)

Zeza Vasconcelos



56

O Centro Popular de Cultura em Sergipe

Chico Varela e João Augusto Gama

46

Poesias
Flávio Antonini

Errata: a matéria "Religiões afro-brasileiras em Laranjeiras", publicada na página 04 da edição nº 20, é de autoria de Beatriz Góis Dantas.

su
má
rio



EU SOU

RESPIRO

EU MEMORANDO

por Aglaé d'Ávila Fontes





Quando chega o ciclo natalino, é comum toda gente falar em Noel, o chamado papai Noel.

Desculpem a minha sinceridade, mas eu não gosto de Noel. Não gosto da sua fala rouca, nem das suas renas, nem da sua roupa caracterizada para outro clima, nem da sua história enganadora de sonhos.

Eu gosto é do Menino!

Porque segundo o calendário que usamos, teria sido em dezembro que Ele nasceu e na sua pobreza não teve camisola bordada, nem manta de lã para afugentar o frio, nem sapatinho de crochês

De quente mesmo só foi o braço da mãe, as palhas da manjedoura e o bafo do boi e do burro na estrebaria de Belém. De boas-vindas só teve mesmo a estrela, que grande e brilhante, avisou aos estudiosos dos astros que Ele havia chegado. Os pastores que dormiam junto as ovelhas se assustaram com a intensidade do seu brilho e sem entender e precisando disto, foram caminhando, caminhando, até chegar aonde nem sabiam. E como a cena era impressionante, sem saber porque, se ajoelharam e louvaram o acontecido.

E depois quem foi chegando, trouxe alguma coisa para que a pobreza fosse se esquecendo de permanecer no lugar.

Eu gosto do Menino!

Porque quando mal saiu dos cueros, se meteu a discutir com os sacerdotes sobre as coisas que eles ensinavam há muitos e muitos anos.

E quando ficou grande, expulsou do templo os vendedores que usavam o lugar dedicado à oração, para vender os seus produtos.

Eu gosto do Menino!

Porque ele curou os cegos e os aleijados e achando pouco, ainda ressuscitou a Lázaro, limpando as lágrimas de suas irmãs.

Eu gosto do Menino!

Porque quando adulto, salvou do apedrejamento da então justiça social, a Maria Madalena, que resolveu então, não mais vender seu corpo por duas moedas. E gosto dele porque, andando entre os pescadores multiplicou peixes para quem não tinha e de outra vez, multiplicou os pães para uma multidão faminta.!

Eu gosto do Menino!

Gosto mesmo, porque ele deixou que suas sandálias se misturassem com o pó da terra caminhando e fazendo o bem a quem nem merecia receber. E gosto porque ele falou palavras fortes e bonitas sobre as coisas da terra, dos homens, dos bichos e das crianças.

Eu gosto do Menino!

Porque Ele achou pouco e ainda deu a Vida para a gente que nem valia o viver e até hoje faz tudo errado de novo, que nem devia fazer, pedindo perdão só para ouvir Ele dizer que perdoa.

**Ah...
eu gosto do
Menino!!!**

E o povo no seu jeito simples, quando chega esse tempo, deu de cantar loas e benditos para lembrar seu *nascimento*.

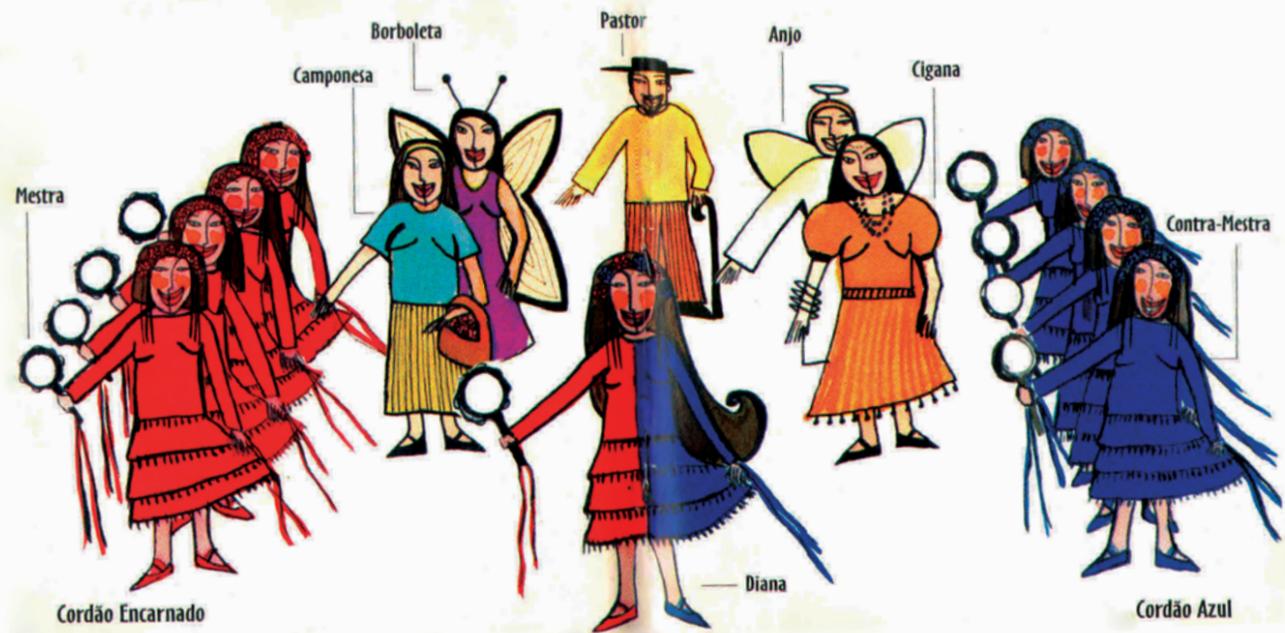
E de dezembro a janeiro, até o dia dos Santos Reis, se reúnem em grupos se vestem de azul e encarnado, lembrando o amor da mãe e o sangue derramado pelo Filho, e se chamam de *reisados*. E em cada lugar surge um, para o mesmo fim de louvar e não deixar esquecer o acontecido, mesmo que mudem o nome pra *lapinhas* ou *pastoris*, têm a mesma finalidade.



Apresentação de Pastoral.



A Chegança no centro de Aracaju.



Uma Estrela Renasce no Céu

Um-as tre-la re-nas-ceno céu a-nun-ci-an-do que Na-tal che-gou
 co-mo ne-ubra-ção aos céus o-re-mos gra-ças a nos-so Se-nhor Pa-zina ter-ra osho-men-de
 bem ser fe-liz é a nos-sa von-ta-de eu não-es-que-ri-que-ém edou a
 to-dos mil foli-ci-da-des Ale-lu-ia, a-le-lu-ia pelo bem que nos con-duz Ale
 lu-ia, a-le-lu-ia pe-lo mor-aço me-ni-no Je-sus A-le-sus



Bendito, louvado seja,
 O Menino Deus nascido.
 Pois no ventre de Maria,
 Nove mês foi escondido.
 Procurando sem achá,
 foi achado lá em Roma.
 Vestidinho no altá.

BENDITO

Missa nova celebrá,
 hoje, noite de Natá,
 um raminho, dois raminho.
 Cada rama sua flô,
 cada rama tem seu galhô.
 Cada qual tem seu louvô.
 Pra Jesus vim adorá.

Noite de Natal

Em de-zen-bro-avín-tee-qua-tro-me-ia noi-tede-usi-nal, em de-nal can-tamo
 an-jos-nas al-tu-ras ho-jee noi-te de na-tal can-tamos tal mas o-
 lhem que a-bri-ço vem meu bem me dar mas o dar o meu
 a-mor é es-se não há ou-tro-qual o meu qual

Esta noite era bem tarde } BIS
 Acordada estava eu } BIS
 Ovi cantar o galo } BIS
 Dizendo Cristo nasceu! } BIS

Bate as asas canta o galo } BIS
 Dizendo Cristo nasceu } BIS
 Cantam os anjos nas alturas } BIS
 Glória in Excelsis Deo } BIS

REFRÃO
 Mas olhem que abraço } BIS
 Vem meu bem me dar } BIS
 O meu amor é esse } BIS
 Não há outro igual } BIS

Apresentação dos Cordões

Bo-a noi-tei to-dos co-mo nos-sa che-ga-da a nos-sa Di-a-na foi
 quem deu-nos tra-da Mes-tra Con-tra-Mes-tra, be-lo-za-las são o res-to-do bl
 -co ve-nha no cor-dão Mes-trã e Mes-trã é su-e-ne, be-lo-za-fa-lã
 -da Con-tra-mes-tra é l-sa-na, tam-bém a-fa-ma-da Di-an-ja a-ys-si foi
 fei-tam can-ções o res-to-do blo-co ve-nha no cor-dão Di-dão

Senhores, Boa Noite

Se-nhores bo-a noi-te che-gamos com a-le-gra-a-a-go-ra
 pra sau-dar o li-lho de Ma-ri-a Nas-ci-do noi-te di-a
 Je-sus re-den-tor o nos-so gran-de-a-mor que-ve-lo nos
 sal-va sal-va-nos sal-va-nos sal-va-nos o Di-vi-no Sal-va-dor
 Sal-ve-nos a-noi-te de luz c-de a-mor

Partituras de benditos e cantos dos Reisados.

E eu, de tanto ouvir seus cantos, dei de tanto procurar formas de representar sua Natividade, com cantos gestos e danças que me deparei com o Presépio, que é uma forma de lembrar a cena da manjedoura, onde o Menino, começou a sua história num tempo que não é tempo findo, mas sempre recomeçando. E muita gente ficou encantada com a história e dançou-se a criar cenas tiradas do imaginário, para de alguma forma louvar o Menino.

Natividade de Jesus

S. Francisco de Assis, foi quem teve essa ideia primeira de fazer um presépio, numa gruta numa cidadezinha da Itália. Depois todo mundo tomou gosto de fazer, de várias formas.

E nós, em diferentes épocas e lugares, até juntávamos um papel que se chamava “bomba” por causa da dor, criando cidades com céus pintados de azul e colocando figuras de bois e burros, carneirinhos movendo o pescoço, plantávamos sementes de arroz para virar graminha verde e por fim colocávamos as figuras da mãe, do pai e do Menino e dos reis magos com seus presentes para transferir do ontem para o hoje, a cena da estrebaria. Na sala da frente, por ser o espaço mais importante da casa, montávamos o presépio e quem passava entrava para visitar o Menino. Em algumas casas até que se servia um cálice de licor e biscoitos amanteigados, forma de agradecer a gentileza da visita. Costumes portugueses vindo no bojo da colonização.

Quando o dezembro se apresenta as lembranças chegam saudosas das ferinhas de Natal no parque Teófilo Dantas, com o Reisado de Piliu e o Pastoril “brincando” na frente da igreja matriz e a Chegança de Zé do Pão no Cruzador Bahia, dançando sobre seu navio de empanada. Zabumbas, sanfonas e pandeiros na nostalgia da noite... O guerreiro Treme Terra de mestre Euclides, com sua rainha e o índio Periem um “tesoura recortado”... a Banda da Polícia tocando dobrados... O apito chamativo do Carrossel de Tobias, rodando a roda da ilusão pra encanto da criançada. E ainda a beleza rosada do algodão doce desafiando nariz e boca numa mordida equilibrada.



Francesco Giovanni della Robbia - LaVerna SantaMaria (1490)



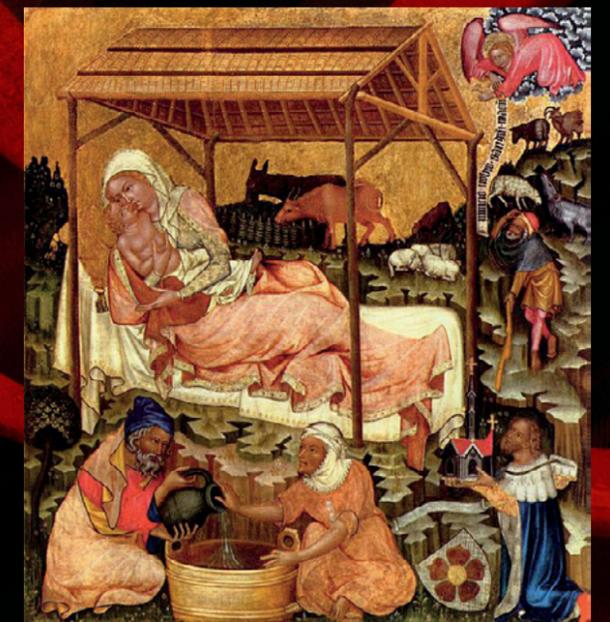
A adoração dos pastores - Georges de La Tour c. 1644



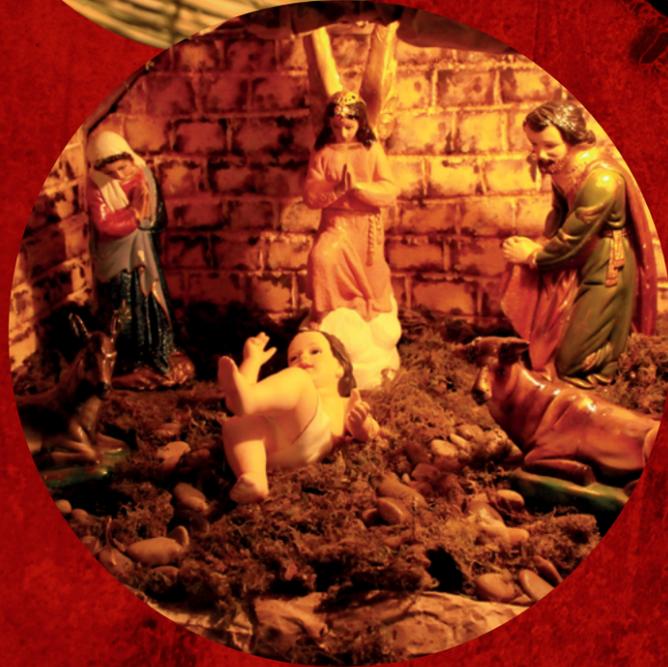
Adoração dos pastores - Agnolo Bronzino (1539)



A Natividade à Noite, Geertgen tot Sint Jans c. 1490



Mestre da Vyšší Brod, c. 1350



Presépios nativos da região nordeste do Brasil.

Nos bancos marcados das famílias, as moças bem-comportadas e outras em volta da escultura do padre desfilando rendas, bordados e olhares. O natal tem esse poder de chamar memória para se lembrar

A simplicidade do chamado “Egito”, no fundo da igreja com suas barracas de roletas e comidas onde não faltava na madrugada uma sopa de “mão de vaca” para quem estivesse cansado.

E a Missa do Galo? AH a missa! O ponto alto da comemoração. A igreja cheia o presépio iluminado, o cheiro das velas... o côro...

Ó S. José

Dai-nos Licença

Para em seu presépio entrar

Vemos para adorar

Jesus nasceu para nos salvar.

O menino perdando os pecados para outro serem anotados... Depois, a ceia em casa com galinha de arroz e “fatia de parida” bem açucarada.

As lembranças me trouxeram de volta um Bendito do Reisado, cantado pelas meninas do azul e do encarnado, com suas vozes de anjos disfarçados.

Bendito louvado seja

O menino Deus nascido

Pelo ventre de maria

“Nove mês” teve escondido...

Procurando sem achar...

É por tudo isso, que quando chega dezembro, não me falem de Noel. Falem do menino. 

Porque não comemoro Natal

Núbia N. Marques*

Nunca fui muito natalina. Não gosto de afeto programado, não gosto da atmosfera de hipocrisia que muitas vezes comandam os gestos e as palavras das pessoas. Exatamente por isto os cânticos do Natal, a clássica frase “FELIZ NATAL” os presentes, tudo enfim me levam a uma enorme tristeza.

Geralmente as pessoas passam os 364 dias se injuriando, competindo selvagemmente, roubando e, na noite de Natal, trocam presentes sejam de amigos secretos ou declarados desejam um Feliz Natal a torto e a direito. Enfim, um clima de festa, entre bimbalar de sinos e cânticos natalinos. Um dia é muito pouco para os milhares de desencontros durante todo o ano. Um dia é tão efêmero que não chega nos encher os olhos e o coração.

O dia de Natal parece uma sintonia muito grande com os papéis prateados, as bolas coloridas, de tão frágil material que ao menor toque se espatifa no ar. Tudo muito artificial, muito fugaz, muito atmosfera do faz de conta, ou não leve em conta que estamos brincando de felicidade. Acho o amor uma das coisas mais sérias da vida do homem e não dá

para compatibilizá-lo mercado, lojas, e o sifoco de entrar e sair dos magazines em busca de presentes que são um gesto material muito pobre para revelar o afeto profundo ou a simpatia irresistível, ou o amor mais sincero que temos pelos que povoam o nosso coração.

O natal empobreceu muito, enquanto milhões de cruzeiros rolam de bolso a bolsa sem um sentido exato do espírito do natal. O consumo na verdade tomou con-

ta do espaço total das festas natalinas. O que se tornou mais fácil para todos, uma vez que tendo dinheiro é simples adquiri-lo. Dinheiro há, o mais difícil é compreender o outro respeitá-lo, amá-lo na tortuosa caminhada cotidiana.

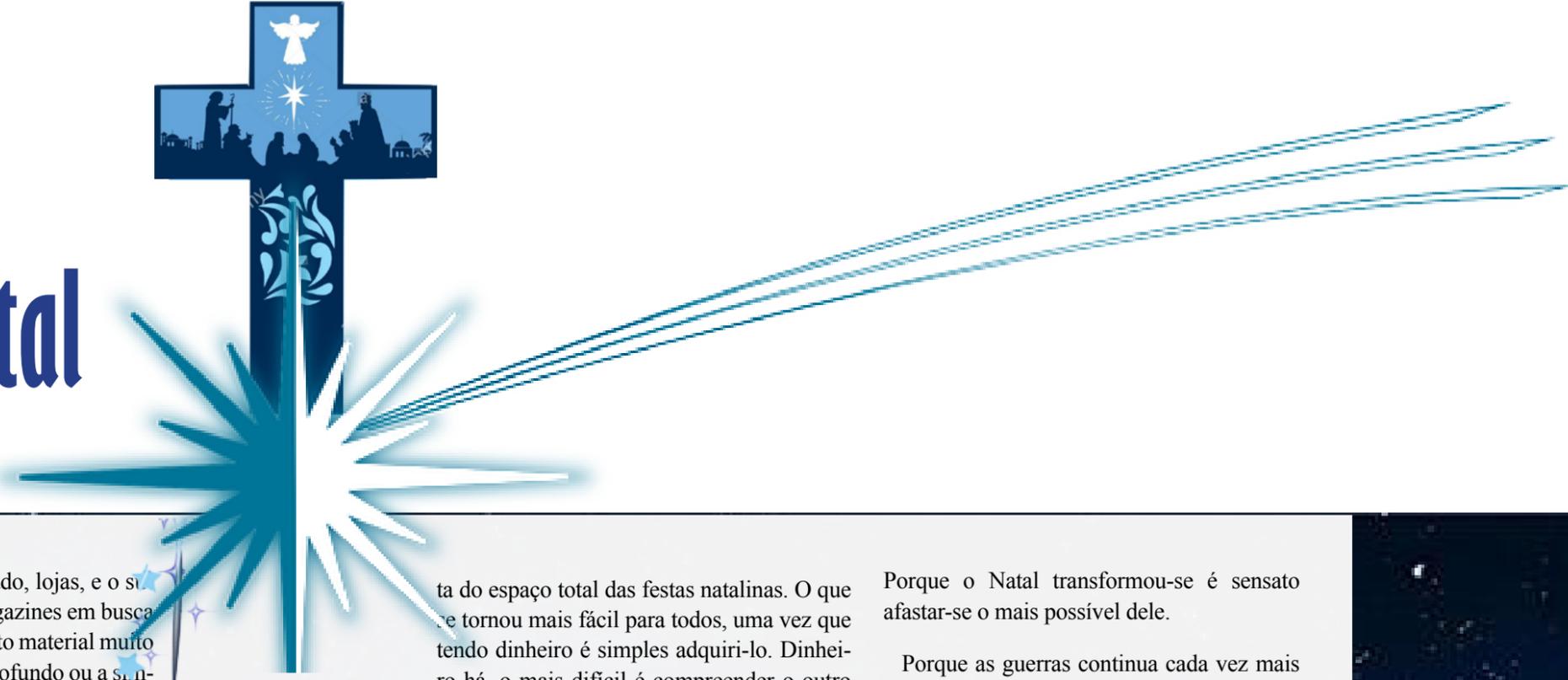
Fácil, fácil é chegar num balcão da loja, ser atendido com muita gentileza, e sair dela com lindo pacote com papel reluzentes, fitas douradas, _ difícil é acreditar no outro, dar-lhe o espaço que suficiente para viver na liberdade de sua busca. Muito simples, se temos dinheiro, é preencher um cheque com uma quantia qualquer para presentear um parente íntimo, difícil é ter o compromisso com o próximo.

Portanto diante da distância que há hoje entre os homens, o Natal cedeu lugar ao espetáculo do amor de mentirinha, ou do afeto que se comprou nos supermercados. Não há como aturá-lo.

Porque o Natal transformou-se é sensato afastar-se o mais possível dele.

Porque as guerras continua cada vez mais acirradas, porque as grandes potências continuam se armando cada vez mais, porque o problema da fome não foi resolvido, porque a violência continua nos amedrontando, porque há crianças órfãs de pais vivos, porque ninguém está afim de ninguém e que qualquer problema que afeta o outro, nós sempre estamos a dizer que é problema dele, e porque o descompromisso do homem com a sociedade é total, resolvi afastar-me da felicidade de uma noite e vim viver a noite do Natal entre o mar e as estrelas fugindo da loucura coletiva das festas natalinas. **G**

*Falecida em 1999





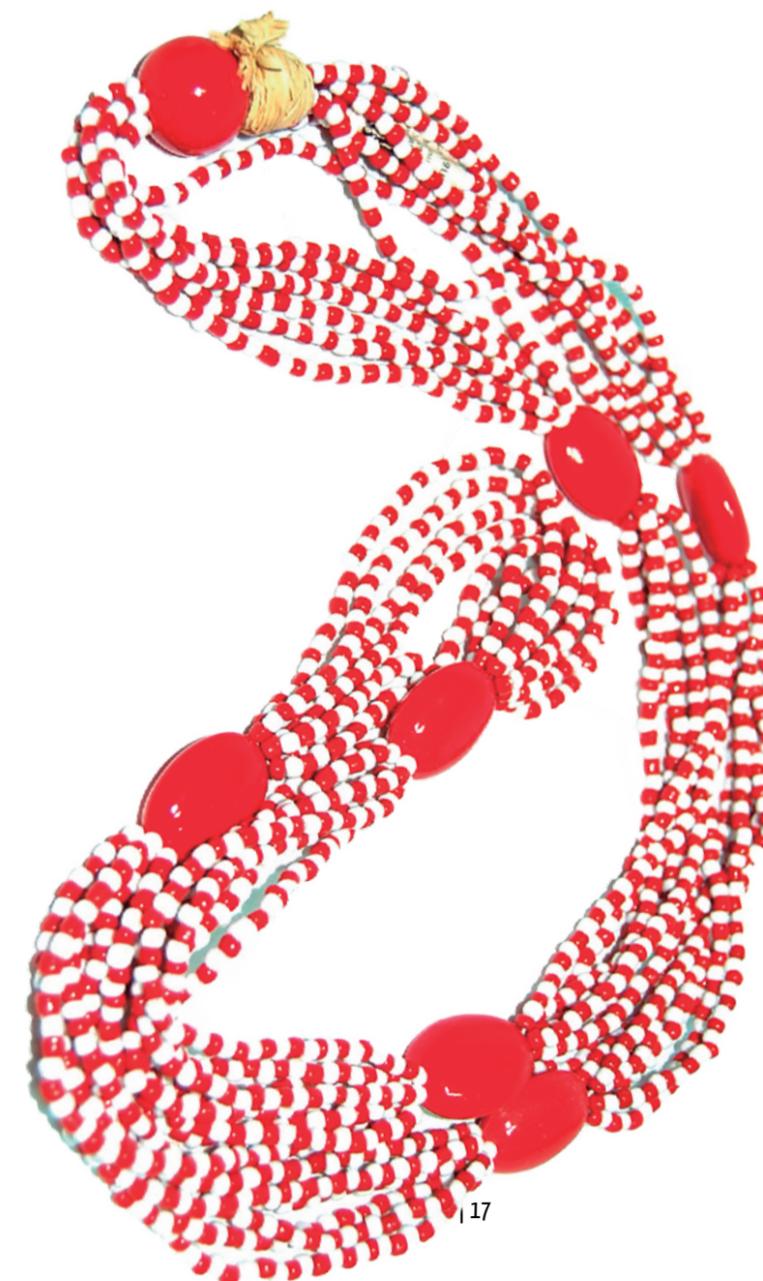
O ABAÇÁ SÃO JORGE E A FESTA DE IANISĂ

Janaina Couvo Teixeira Maia de Aguiar

O Abaçá São Jorge, terreiro de tradição angola-ijexá, foi fundado por Erundina Nobre Santos, conhecida como Mãe Naná Manadeuí. Filha de Oxum e Oxóssi, a sua história de vida se confunde com a própria história do candomblé sergipano. Mãe Naná contribuiu significativamente para a expansão do candomblé nesse estado e para além de suas fronteiras, iniciando diversas pessoas que levariam esta religião a outras regiões do país.

Cabe discorrer brevemente sobre a identificação desta casa de candomblé como um ramo da grande árvore angola-ijexá.

Segundo as tradições orais da casa, a Yalorixá Manadeuí desde o final do século XIX praticava o toré e foi iniciada na nação Ijexá no ano de 1910 em Cachoeira-Ba recebendo o seu Adeká em 1940, pelas mãos do sacerdote baiano de Alagoinhas Zeca do Pará (OyáDidê). Antes de receber o seu Adeká, ela contraiu casamento com o Sr. Pedro Bernadino (Tata de Nkossi) vinculado ao candomblé Bate Folha de Salvador. A partir da sua relação matrimonial, Naná Manadeuí e seu esposo praticavam juntos no mesmo espaço religioso tanto o culto Angola quanto o culto Ijexá, cada qual realizando iniciações nas suas nações de origem, sem que houvesse nenhuma forma de hibridismo ritual. Entretanto, com o falecimento de Pedro Bernadino, ela fundiu ambas as nações, dando origem a tradição cultuada até os





dias atuais, onde há uma predominância de culto Angola, entretanto cultuando as divindades com denominações iorubânicas e com os cargos hierárquicos com denominações nesta mesma tradição.

Por outro lado, a mesma tradição oral da casa e suas narrativas sinalizam também para o fato de que desde 1911 com a chegada dos primeiros sacerdotes baianos que trouxeram o candomblé pra Sergipe, trouxeram um modelo de “candomblé misturado” onde se cultuavam as nações Angola/Congo; Congo, Ketu e Ijexá sendo eles os precursores: Manezinho Baiano, Manezinho Saruaba, Manezinho Sandaió, Cassiano, Pedro Bernardino, Zeca do Pará. Sendo assim, diferentemente da tradição das origens das casas tradicionais baianas fundadas por mulheres, o candomblé sergipano embora tenha sua origem vinculada à Bahia, teve nas figuras masculinas a sua formação.

Não é sem propósito, neste início do capítulo, justificar o uso de termos de origem Ketu para se referir a um candomblé de outra nação – ou tradição, como muitos hoje preferem dizer.

Voltemos a Aracaju, ao Abaçá São Jorge, hoje conduzido por Mãe Marizete. Tendo sido criada por Mãe Naná desde os

10 anos de idade e acompanhado de perto tudo que constitui a vida de uma casa de candomblé, Marizete Silva Lessa, filha de Iansã e Xangô, foi preparada desde a juventude para um dia assumir a liderança da casa. Na década de 1970, havia se mudado para o Rio de Janeiro, onde viveu durante 25 anos, tendo fundado aí um terreiro. Nesse período, continuou acompanhando Mãe Naná durante os rituais, retornando a Aracaju nos períodos correspondentes. Quando Mãe Naná adoeceu gravemente, Mãe Marizete retornou à capital sergipana para cuidar de sua tia e auxiliá-la nas atividades religiosas. Mãe Naná faleceu em 1981 e seu funeral contou com a participação de centenas de pessoas. Com a morte da tia, Mãe Marizete tornou-se herdeira do cargo de Ialorixá.

Mãe Naná já realizava as festas de dezembro, dedicadas a Iansã e Oxum, sendo rituais bastante concorridos. Ao assumir a liderança do terreiro, Mãe Marizete deu continuidade ao calendário tradicional da casa. Aos poucos, a festa de dezembro foi se transformando, como é próprio da dinâmica do candomblé, e hoje é considerada uma das grandes festas do candomblé sergipano.

“[...] a festa de Iansã no Abaçá São Jorge é [...] palco de diversas relações onde a fé, a sociabilidade e a identidade de um grupo religioso é revitalizada a cada momento em que a festa é realizada.”

A FESTA DE IANSÃ

Realizada todos os anos durante o mês de dezembro, a festa de Iansã é a principal festa do Abaçá São Jorge, pois é o orixá de Mãe Marizete, a Yalorixá do terreiro. Trata-se de uma festa religiosa que acontece durante quatro dias, mas que tem seu momento mais representativo no dia 4 de dezembro, dia dedicado a Iansã. Deste ritual participam, além dos filhos de santo da cidade e municípios vizinhos, também os filhos de santo de várias partes do país e até do exterior, que passam o ano se preparando para se dirigir à Capital sergipana. É perceptível a mobilização de todos os iniciados da casa, que trazem suas vestes mais bonitas e preparam um verdadeiro “Banquete para os Orixás”. Este é composto por comidas denominadas “comidas secas”, que são ofertadas a todos os Orixás, não apenas à divindade “dona” da festa. Participam adeptos de outros terreiros da cidade e regiões circunvizinhas, além da própria comunidade onde o espaço sagrado está inserido. Desta forma, nesta festa elementos sagrados e profanos convivem constantemente, caracterizando o espaço do terreiro enquanto um espaço de socialização entre divindades, adeptos e comunidade em geral.

Dessa forma, a festa de Iansã no Abaçá São Jorge é um momento que reúne toda a comunidade religiosa e da própria região onde o terreiro está inserido, sendo palco de diversas relações onde a fé, a sociabilidade e a identidade de um grupo religioso é revitalizada a cada momento em que a festa é realizada.



MITO DE OYA/ IANSÃ

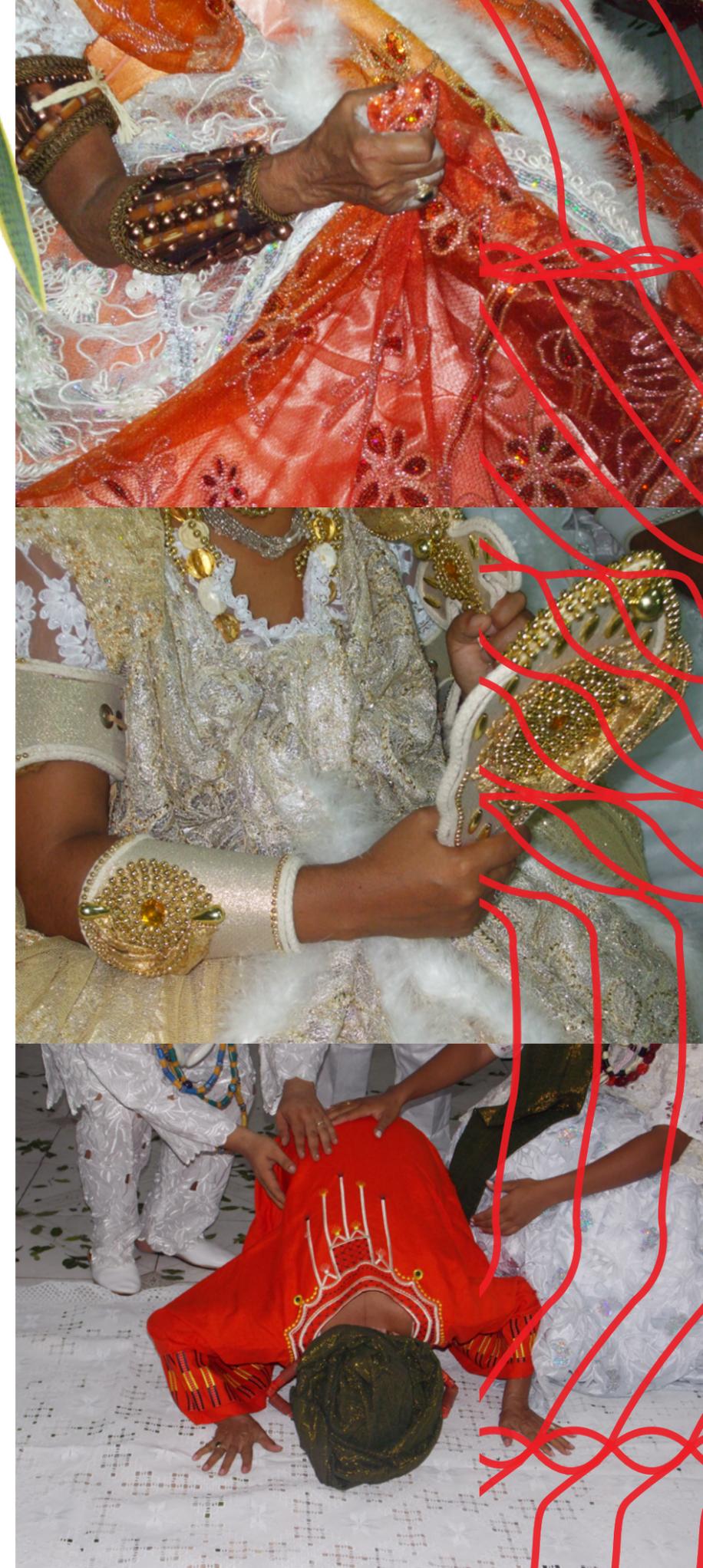
“Oya, também chamada de Oiá e de Iansã, é a rainha dos ventos e raios e é a senhora dos éguns (espíritos dos mortos), os quais ela controla com um irù esin (rabo de cavalo). Um dos seus símbolos. Iansã, a deusa dos cemitérios e do Rio Níger, não separa do seu alfange flamejante e de um chifre de búfalo, que carrega na cintura. Iansã é o vento, o calor,. A paixão. Ela é o fogo, o raio e a beleza deste fenômeno natural, é a energia viva, pulsante, vibrante. Irrequieta, autoritária, sensual, com um temperamento forte, dominador e impetuoso, Iansã é a dona dos movimentos. Guerreira, Iansã foi esposa de Ogum e, posteriormente, esposa de Xangô que, segundo a Mitologia Yorubá, também se casou com suas irmãs: Oxum, a deusa do Rio Osun, e Obá, a deusa do Rio Obá.

Antes de ser esposa de Xangô, Iansã percorreu vários reinos e conviveu com vários reis, usando da sua inteligência, astúcia e sedução para aprender de tudo e conhecer igualmente a tudo. Foi a paixão de Ogum, de Oxaguian, de Exu, de Oxóssi, de Logunedé e em vão tentou se relacionar com Omolu. Com Ogum, Ian-

sã aprendeu o manuseio da espada e dele ganhou o direito de usá-la. Em Osogbo, ela aprendeu a usar o escudo de Oxaguian para se proteger de ataques inimigos e dele recebeu o direito de usá-lo. Quando Oxaguian estava tomado pela paixão por Iansã, ela partiu. Em suas andanças, deparou-se com Exu e com ele aprendeu os mistérios do fogo e da magia. No reino de Oxóssi, ela seduziu o deus da caça e com ele aprendeu a caçar, a tirar a pele do búfalo e a se transformar nesse animal. Graças à magia aprendida com Exu. Seduziu o jovem Logunedé, filho de Oxóssi e Oxum, com quem aprendeu a pescar. Iansã partiu, então, para o reino de Omolu, pois queria descobrir seus mistérios e até mesmo conhecer seu rosto. Uma vez, chegando ao reino de Omolu, Iansã tentou seduzí-lo com a sua famosa dança dos ventos. Durante horas, Iansã dançou, sem emocionar ou sequer atrair a atenção de Omolu. Incapaz de seduzí-lo, Iansã resolveu apenas aprender, fosse o que fosse. Assim, dirigiu-se ao homem coberto de palha e pediu para ele lhe ensinar os mistérios do mundo dos mortos. Com Omolu ela aprendeu a conviver com os éguns e a controlá-los”.

(mito presente no livro de Jefferson Galvão, Raquel Trindade e Sandra Regina Félix – Os Orixás e a Natureza) 

Fotos: Janaina Couvo





Beliscando falcões

Rian Santos

"Quem tiver amor que reggae". Essa era a única regra no cafofo da Praça Camerino onde eu, mais os jornalistas Paulo Victor Mello e Henrique Maynart, inquilinos do Castelo de Grayskull, promovemos as reuniões mais lombradas do quarteirão onde a saudosa Casa Rua da Cultura exalava os últimos tragos de inocência do centro de Aracaju. Rolava de tudo. Mas Bob Marley que é bom, lá em casa, eu nunca ouvi.

Que o relato sirva de advertência, portanto. Essa não é exatamente a minha praia. Ao escrever sobre uma banda de reggae, eu tenho a sensação de um leigo em território sagrado. Mais do que um gênero musical, sujeito à apreciação de qualquer fulano com um cadinho cheio de informação, o reggae é culto de iniciados. A música da Reação, entretanto, há muito extrapolou os circuitos mais restritos dos rastas e da Kaya. Chegou a tocar no rádio, com a insistência de um hit. Por isso, as palavras do herege aqui.

A maior Banda de reggae do Brasil

Vira e mexe, o turista com a boca cheia de tapioca é surpreendido na Praia de Atalaia por um integrante da Reação. As cópias baratas do primeiro disco da

banda são oferecidas por qualquer tostão furado, na esperança de levantar os fundos para uma nova temporada no sul maravilha. Marcelo Falcão (O Rappa) e a gravadora Sony estariam de braços abertos, mangas arregaçadas, prontos para fazer a mágica acontecer.

A admiração de Falcão é fato público e notório. Entrevistado pelo jornalista Pedro Bial, o vocalista declarou em alto e bom som, com todas as letras, para quem quisesse ouvir: A Reação é a maior banda de reggae do Brasil.

Os desavisados mal puderam acreditar. Criada há 18 anos, no morro da Reação, bairro Santos Dumont, a banda citada em rede nacional de televisão, com a maior deferência, jamais ocupou espaço nobre na mídia Serigy. Sempre à margem, na batalha, os seus músicos tiveram de dar muito murro em ponta de faca para crescer e aparecer. Se hoje a música da Reação reverbera assim tão longe de casa é por mérito próprio. A acanhada imprensa local, cega e surda para os tambores nativos, jamais acrescentou uma única vírgula ao assunto.



Fotos: Thiago Monteiro

Serigy All Stars

De todo modo, a Reação emociona, a ponto de merecer a reverência de toda a constelação da música Serigy.

Julio Andrade (The Baggios), prova viva de que o som da Reação ultrapassou a arbitrariedade de qualquer limite, sublinha o seu caráter ecumênico. “A minha escola foi sempre muito ligada ao rock e o blues, além da música brasileira de 70, que sempre explorou essas vertentes. Mas quando eu ouvi ‘Na força da Fé’ fiquei encantado com o discurso e a verdade daquela música. Eu sou doido pra colocar a minha guitarra roqueira num disco novo da Reação”.

Na opinião de Alex Sant’Anna, a força tantas vezes mencionada carece de explicação racional. “É difícil sair ileso de um show da Reação. Para mim, é sempre um impacto muito grande ver os caras no palco. Bons discos e boas canções não dão conta de explicar o fenômeno. Eles conseguem tirar qualquer um do chão”.

Thiago Ruas ainda lembra o espanto de que foi tomado ao conhecer a banda, logo no início de sua trajetória, ainda à frente da Oganjah. “É um reggae muito legítimo e original. Eles foram um exemplo para mim, quando eu estava começando no reggae, uma referência de música e conduta”.

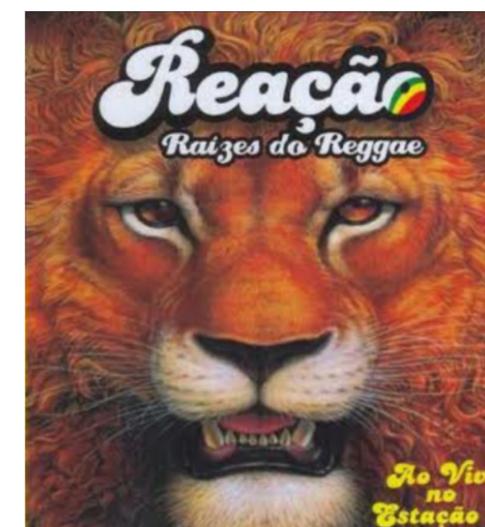
Os depoimentos se repetem, mencionando a verdade da música e o orgulho derivado de sua projeção, sempre na mesma pisada. Nas palavras de Henrique Teles, o resumo da ópera: “A Reação faz música para o mundo real, sem se negar a esticar o cordão umbilical e beliscar falcões, mundo afora”.

Na força da fé

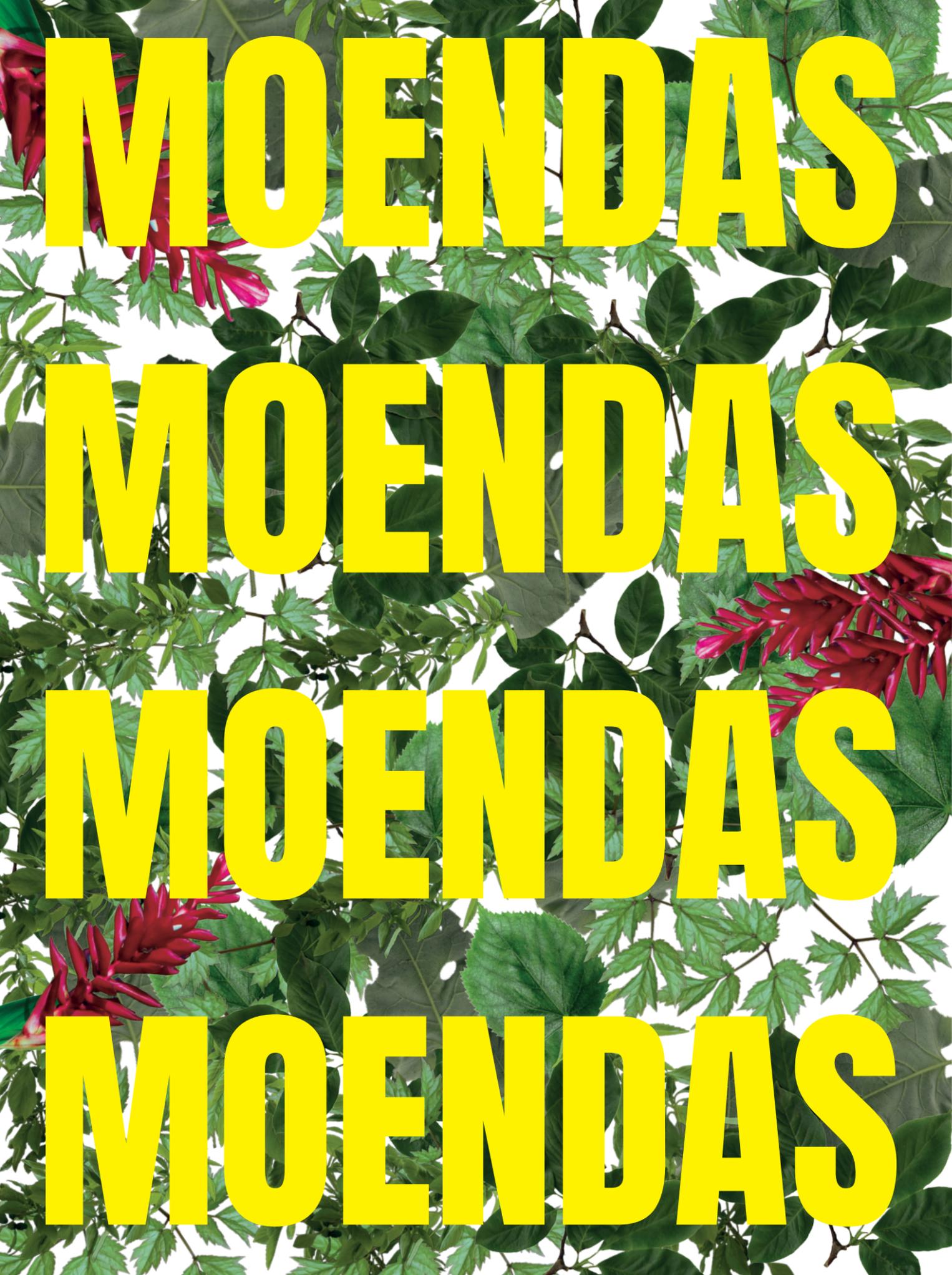
O único registro oficial da Reação, lançado em meados de 2004, não faz justiça à reunião ecumênica de suas apresentações (todo mundo gosta da banda). O disco é uma pedrada de 13 faixas que não realiza qualquer concessão ao mercado. Reggae Roots, versando sobre a importância da fé num cotidiano pontuado por carências de todas as ordens, realidade que os seus músicos conhecem muito bem.

A música da Reação é militante. Moziah não canta, ele manda recado, como um profeta. O respeito e a devoção pela força da palavra ficam evidentes em cada verso proferido, em cada refrão. Não é fácil viver essa vida, mas o reggae da Reação extrai da luta das comunidades negras, dos obstáculos da pobreza e do embate diário entre as sombras do crime e a brutalidade cega da lei a força necessária para enfrentar todos os percalços.

Doutrina é para os fracos. Hoje, o discurso reggae pode soar forçado. Embora o já citado apreço pela palavra me comova sinceramente, é preciso admitir o desbotamento essencial que converteu o sagrado em pedra e barro. A música da banda Reação, no entanto, vibra em frequência invulgar. Não é reggae de branco. Tem raiz, pulso de sobra, verdade pra dar e vender. **G**



 @reacao



Música brasileira e As Moendas da história

Álvaro Müller

Em 1970, quatro jovens irmãs deixam Aracaju para soltar a voz pelo Brasil, sob as bênçãos de Vinícius e ao lado de outros grandes nomes da MPB

A casa daquela família sempre exalava boa música. Ary Barroso, Braguinha, Noel Rosa e outros compositores geniais ecoavam na voz soprano de Djalma Gomes Sousa, enquanto o marido, Adelino Alves dos Santos, sanfoneiro autodidata, ensinava musicalização e prática de conjunto para os filhos. A cada erro, uma baquetada na cabeça. Foi assim que a costureira e o índio Pankararus, que em 1943, aos 15 anos, deixou sua aldeia em Pernambuco e se mudou para Aracaju, plantaram e regaram a semente do quarteto vocal As Moendas, marco de sergipanidade na história da MPB, que na década de 1970 fez valer o sotaque serigy Brasil a fora.

Juntas, as vozes de Lina (Djalde-lina), Adi (Adilene), Dina (Djaldina) e Bel (Adalbertina) encantaram públicos diversos e grandes nomes da MPB, como o poeta Vinícius de Moraes. Mas a partitura dessa história familiar e musical começou a ser escrita bem antes. Primogênita dos Sousa, aos 7 anos Lina já tocava pandeiro, triângulo e zabumba no Adelino e seu conjunto, trio pé-de-serra do pai. Na mesma idade, Adi teve as primeiras aulas de bateria. Dina e Bel iniciaram ainda mais novas, aos 4 e 5 anos, aprendendo percussão.



A primeira apresentação envolvendo as irmãs aconteceu no Cine Vitória, em 1965. Entusiasmado com o talento de Lina ao piano e Adi à bateria, o pai convidou alguns músicos e montou o grupo Adilene e sua orquestra, que chegou a fazer outros shows no interior de Sergipe. Daí veio a ideia de criar a dupla Lene e Lina, desta vez, com Lina ao violão e, posteriormente, o Trio Maravilha, com a participação da baixista Ailda Nery.

Depois disso, Lina assumiu o teclado e Adi o vocal do conjunto The Top's, formado à época por Pascoal Maynard (bateria), Tonho Baixinho (guitarra e vocal), Marcelo (guitarra) e Pithiu (baixo). "Fizemos apresentações nas matinês da Associação Atlética de Sergipe e Iate Clube de Aracaju, em cidades do interior e estados vizinhos, trabalhando de segunda a segunda, ininterruptamente. Enquanto isso, ensaiávamos, com as outras duas irmãs menores, os vocais do quarteto", relembra Lina.

A ideia havia sido lançada pelo músico sergipano Sérgio Botto. "Ele conversou comigo sobre o mercado existente para a formação vocal, pois só existia um grupo feminino no cenário artístico, o Quarteto em Cy. Acatei o conselho", recorda Lina. Em 1970, o projeto se concretizou e as quatro irmãs estrearam nas noites musicais da TV Sergipe, ainda em fase experimental, com o nome de Instant-4. Logo em seguida, a convite do jornalista e com-

positor Hugo Costa, defenderam a música Como pintar o sertão e dar o quadro de presente ao presidente, no Festival de Canção de Salvador, onde também gravaram o disco autoral, Retratos de Aracaju, sob regência do maestro Carlos Lacerda.

Meninas do Vinícius

Foi também na capital baiana, mais precisamente na casa de shows Moenda, que Lina, Adi, Dina e Bel conheceram Vinícius de Moraes. "Ele ia assistir a gente todas as noites, de pijama, boné e sandália. Certa vez, nos chamou e disse que não podíamos nos apresentar somente ali, precisávamos tocar em outro lugar. Ligou para Toquinho e para as meninas do Quarteto em Cy, anunciando que elas se preparassem, pois havia surgido um concorrente à altura", conta Lina, entre risos. Do encontro com o poetinha nasceu o projeto Vinicius sois entre as mulheres, show apresentado no teatro Villa Velha. A essa altura, o quarteto vocal já precisava de outra denominação. "Instant-4 não vingou pois já existia, no Rio, um grupo chamado Momento-4. Ficamos sem nome durante muito tempo e as pessoas passaram a nos chamar de As Moendinhas", explica Lina.



“AO LADO DAS MANAS PUDE VIVER MOMENTOS INESQUECÍVEIS, COMO PARTICIPAR NO MESMO DISCO QUE TOM JOBIM E CHICO BUARQUE; FAZER TEMPORADA DE SHOWS COM A DUPLA VINÍCIUS E TOQUINHO”

De “As Moendinhas” para As Moendas, para o Brasil e o mundo. “Ao lado das manas pude viver momentos inesquecíveis, como participar no mesmo disco que Tom Jobim e Chico Buarque; fazer temporada de shows com a dupla Vinicius e Toquinho; gravar O Cio da terra com Milton Nascimento, Beto Guedes e a turma da Esquina; cantar para Elis Regina; integrar um projeto musical com Maysa e o maestro Júlio Medaglia; se apresentar na mesma casa que João Bosco, Leny Andrade, Rogéria, Plínio Marcos e conversar com essas pessoas todos os dias”, diz Lina Sousa.

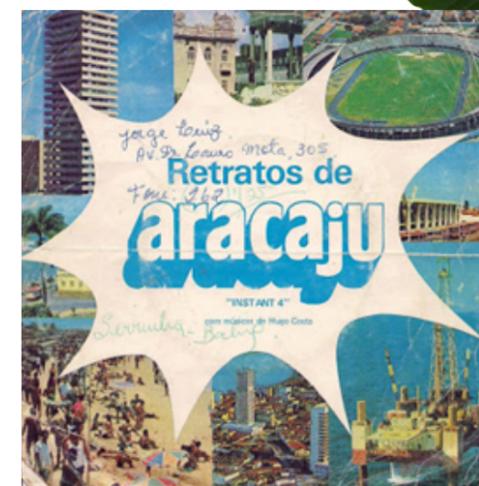
“Cantamos para diversas culturas e tivemos a oportunidade de conhecer umas mais, outras menos, mas sem perder o prazer de cada momento. A música nos dá tudo o que não imaginamos. Os programas de TV como Os Trapalhões, Fantástico, os da Tupy, Flávio Cavalcante, Silvio Santos, foi tudo maravilhoso”, ressalta a primogênita das irmãs.

O fim do grupo

A morte de Vinicius de Moraes, em 1980, influenciou o fim do quarteto. Ainda assim, em 1985, Lina, Adi e Bel fizeram uma turnê de três meses na Itália e França, se apresentaram no Festival Bar

em Bari, transmitido pela TV Canale 5, e gravaram o disco “Brasil, brasileiro”, lançado somente na Europa, com clássicos da MPB e uma faixa de música italiana. As três irmãs voltaram a se reunir na Itália em 2000, com contrato de três meses para cantar na TV RAI, no programa “Civediamo in TV”, sob comando de Paolo Limiti.

“Quando volto no tempo, vejo quatro garotas inexperientes de vida, em grandes cidades, quase assustadas, sem ainda se dar conta do que acontecia. Acho que fomos muito ingênuas e perdemos boas oportunidades de deixar registros mais consistentes da nossa passagem na MPB. Tudo o que fizemos foi bom, tudo o que aconteceu foi marcante. O que não fizemos, não importa. Tudo passa, nós passamos. Deixamos nossa pequena cidade e encaramos, sozinhas, o cenário nacional numa época em que o público exigia muito do artista em estudo e qualidade. Mostramos, aonde tivemos chance, a força nordestina e a coragem feminina”, avalia Lina Sousa. 



Fotos: Acervo pessoal As Moendas

"A ORIGEM" DE OFÁ MODÊ

Por Pascoal Maynard



Foto: Pritty Reis

Princípio, movimento, fertilidade, continuidade, percepção, equilíbrio. São os pilares em que se sustentam as esculturas de "A Origem", exposição do artista plástico Ofá Modê que concorreu ao Edital de Ocupação da Galeria J, Inácio 2018.

A produção desse artista afro-brasileiro contemporâneo, busca valorizar sua ancestralidade, história e arte, fazendo referência às divindades africanas articuladas às forças femininas da natureza, bem como contribuir, por meio da manifestação artística, para o

conhecimento da cultura afro-brasileira, baseada nos estudos do artista no campo de sua cultura sacerdotal. Relatos orais e escritos de sacerdotes mais velhos, como também pesquisas em livros de diversos autores.

Em cada obra com seus traços marcantes e sua personalidade forte desafia-nos a olhar não a matéria, mas, o abstrato que ali existe. Traz à tona o olhar para a dúvida no que realmente é sagrado, o imaginário coletivo, a sensibilidade do ser.

Josemir da Silva Costa, o Ofá Modê, nasceu em Recife, em 23 de fevereiro de 1977. Morou em Olinda (PE) até os 24 anos de idade. Mudou-se para Natal/RN, onde residiu durante um ano. Em seguida, estabeleceu residência em Recife (PE). Em 2000, veio para Sergipe, solo em que seus pés fincaram alma e de onde não pretende sair.

"Foi uma necessidade pessoal que me levou até o Osogunlade. Lá, outra necessidade me fez voltar produzir, quando precisei esculpir uma divindade africana para fins sacerdotais. Essa divindade abriu as portas e os meus olhos, me fazendo voltar a esculpir depois de 20 anos sem contato com as artes. Foi um renascimento enquanto ser e enquanto artista."



Foto: Pritty Reis

A maioria de suas obras é confeccionada em cimento e argila, cujo manejo e aprendizado deu-se ainda criança, ajudando seu pai, José Severino Costa, que era construtor. Modê é autodidata e sua iconografia está diretamente vinculada à cultura africana e afro-brasileira.

Essa ligação entre sua arte e a cultura afro-brasileira vem da sua relação com o candomblé, de suas vivências como filho de santo do Ile Ase Opo Osogunlade (São Cristóvão/SE), onde recebeu o seu urukó (nome de santo): Ofá Modê. Ele foi iniciado no candomblé, em 2008, pelo Babalase Ogun Torikpe. Em 2012, recebeu os cargos de Iperilode e Otun Asogun, com as respectivas confirmações em 2013.

"Foi uma necessidade pessoal que me le-

vou até o Osogunlade. Lá, outra necessidade me fez voltar a produzir, quando precisei esculpir uma divindade africana para fins sacerdotais. Essa divindade abriu as portas e os meus olhos, me fazendo voltar a esculpir depois de 20 anos sem contato com as artes. Foi um renascimento enquanto ser e enquanto



Foto: Pascoal Maynard

ORIGEM

“Origem” é uma viagem a campos femininos sagrados da natureza abstraída através da arte.

“Origem” é baseada nos estudos do artista no campo de sua cultura sacerdotal (yorubá - Jeje-nagô). Relatos orais e escritos de sacerdotes mais velhos, como também pesquisas em livros de diversos autores.

Ofá Modê busca consubstanciar o mundo material com o mundo imaterial,

representando a relação equilibrada entre as polaridade masculinas e femininas e com um princípio vital ativador de movimento.

Traz o homem (ser humano) como produto final desse processo de criação, mostrando que tudo é sagrado e o homem “humano” não deixaria de ser, pois nasce do ventre feminino que é objeto sagrado.

Cada obra com seus traços marcantes e sua personalidade forte desafia-nos a olhar não a matéria, mas, o abstrato que ali existe. Traz à tona o olhar para a dúvida no que realmente é sagrado, o imaginário coletivo, a sensibilidade do ser.

JOSEMIR COSTA
(OFÁ MODÊ)



Foto: Pritty Reis



Foto: Pritty Reis

“Origem” é baseada nos estudos do artista no campo de sua cultura sacerdotal (yorubá - Jeje-nagô). Relatos orais e escritos de sacerdotes mais velhos, como também pesquisas em livros de diversos autores.



Foto: Pritty Reis

Sociedade Filarmônica de Sergipe "Maestro Leosírio Guimarães": Uma história de 47 Anos

Maria Olga de Andrade

A Sociedade Filarmônica de Sergipe (SOFISE), é fruto do idealismo do seu fundador Maestro Leosírio Guimarães, sergipano da cidade de Capela. Fundada em 1971, a SOFISE veio preencher o seu ideal de formar músicos e difundir a boa música em Sergipe.

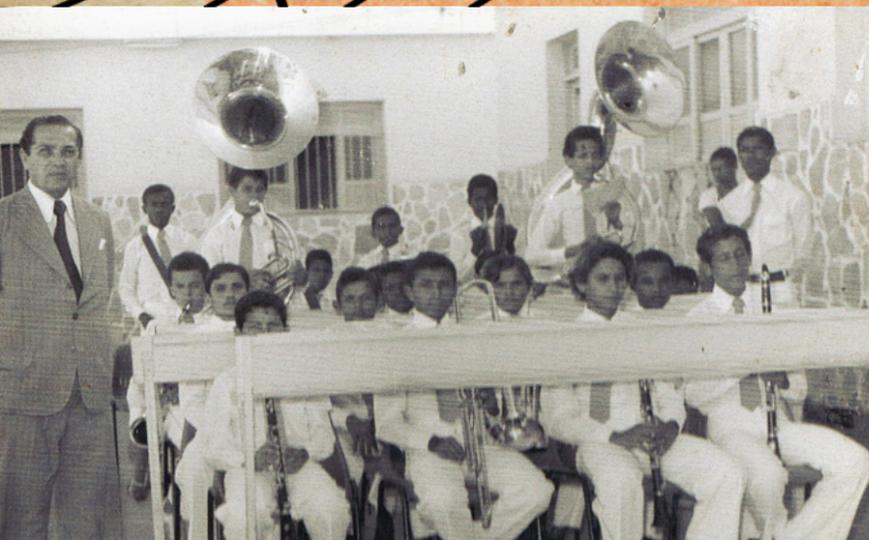
O Professor Leosírio nasceu em Capela no dia 26 de Fevereiro de 1916, onde fez os seus primeiros estudos. Estudou música com Mestre Francisco de Carvalho Júnior, com o alemão Frei Elias e a Irmã Canísia, professora do Colégio "Imaculada Conceição". Aos 15 anos, ingressou na Banda de Música da cidade. Em Capela foi Mestre de Banda e fundou o Coral Genaro Plech.

Foi nomeado em 1950, professor de Canto Orfeônico do Estado. Mudou-se para Aracaju em 1956. Foi professor de música de vários colégios, deixando sempre um coral em cada escola por onde passou: Arquidiocesano, Nossa Senhora de Lourdes, Patrocínio de São José, Escola Normal. Nesta fundou e regeu uma banda de música só para moças. Fundou também a banda de música para jovens carentes do Instituto Lourival Fontes. Foi diretor do Conservatório de Música, formando ali a primeira Orquestra Sinfônica do Estado. Com esta Orquestra abrilhantou, em maio de 1968, a cerimônia de instalação da universidade Federal de Sergipe no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Foi presidente da Ordem dos Músicos do Brasil, secção de Sergipe e recebeu vários títulos honoríficos dos governos estadual e municipal.

Compôs dobrados, valsas, marchas, missa e trilha sonora para teatro. A SOFISE, em sua homenagem, reuniu seus títulos, composições e troféus em um memorial, anexo ao Arquivo da Casa.

Em 1990 por problema de saúde, afastou-se o professor Leosírio da SOFISE e, atendendo à sua solicitação, assumiram a direção da entidade, suas amigas e ex-alunas Professoras Maria Olga de Andrade e Maria Hilda de Andrade. Nesses anos de trabalho, graças à ajuda de pessoas ligadas à música, a SOFISE caminhou, cresceu e tornou-se um ponto de referência cultural na cidade.

Por vários anos participamos do coral da Sociedade Filarmônica de Sergipe, passando por vários regentes que nos presentearam com a sua experiência. Muitos cursos e palestras ministrados por profissionais especialistas brasileiros, enriqueceram a nossa vida musical. O Coral participou dos valiosos Encontros de Coros realizados em Sergipe pela UFS e em outros Estados como Minas Gerais, Paraíba, Alagoas. Sentimos que, no canto, as pessoas se aproximam mais dos outros e podem melhor apreciar a beleza da música e do ato de cantar e louvar.



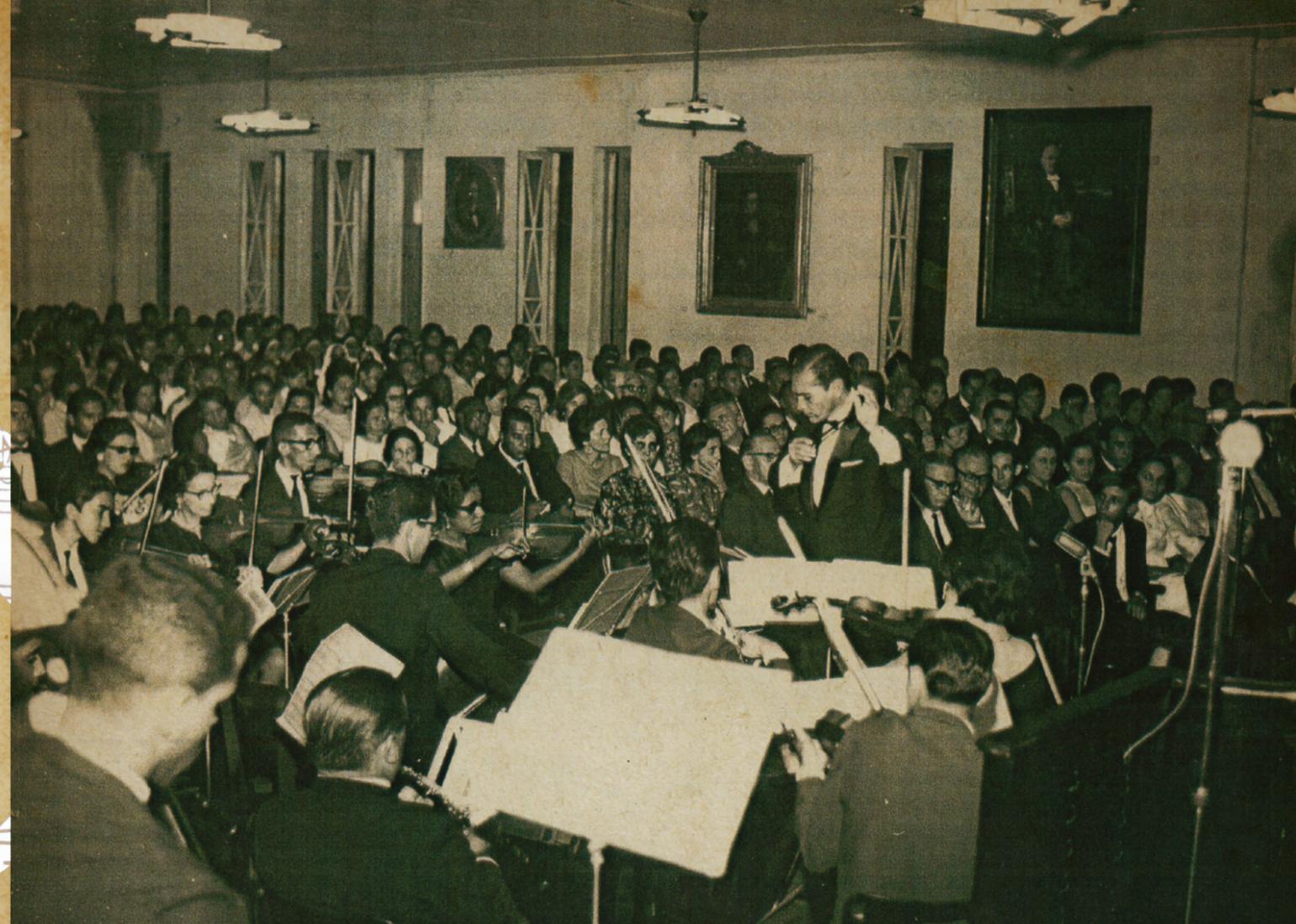
Banda do Instituto Lourival Fontes



Coral do Colégio "Patrocínio de São José"



Coral da SOFISE



A Orquestra Sinfônica na Cerimônia de Instalação da Universidade Federal de Sergipe em 1968

A espiritualidade da voz nos ofícios religiosos, de certa forma marcou a trajetória do nosso Coral que, no seu caminhar, por dois anos, assumiu os cânticos da missa aos primeiros domingos de cada mês na Catedral Metropolitana para ajudar a preservar o seu lindo Órgão de Tubos. Anualmente, por mais de vinte anos realizamos Concertos de Natal em várias igrejas católicas e evangélicas na capital e no interior. Participamos de missas de festa e formatura, e posses de prefeitos e governadores, além de concertos com bandas e orquestras. Com o apoio de sua diretoria e ajuda de professores e funcionários, a Sociedade Filarmônica de Sergipe realizou: 45 Anos de Curso de Música; 45 Anos de Coral; 30 Anos de Orquestras de Câmara e de Violão; 25 Anos do Programa Radiofônico “Sementes Musicais”; 13 Anos de Arquivo Musical; 10 Anos de Sextas Clássicas; Concertos, Recitais, Exposições e Projetos Nacionais e Internacionais: “Arte sem Barreiras”, FUNART 1997-2000; “Orquestra Filarmônica”, MIC, 2002-2003; “Criança Esperança”, Rede Globo/UNESCO, 2010-2011; “Brazilianhilfe”, Alemanha, 2010 – 2011.

Em 2005, elaborou o projeto do curso de Licenciatura em Música, que foi aprovado e implantado pela Universidade Federal de Sergipe, o que resultou no convênio UFS – SOCIEDADE FILARMÔNICA DE SERGIPE, assinado pelo então Reitor Josué Passos.

Banda de Música de Moças da Escola Normal

Fotos: Acervo da Sofise



Leosírio Fontes Guimarães



Memorial da Música "Maestro Leosírio Guimarães"

No presente ano de 2018, a SOFISE encerrou grande parte de suas atividades por dificuldade de manutenção. Continua com o programa "Sementes Musicais" na Rádio Aperipê, aos domingos; e, em abril último, aproveitando o acervo do Arquivo Musical da SOFISE, foi instalado o Memorial da Música de Sergipe "Maestro Leosírio Guimarães".

Um Memorial é uma instituição de interesse geral, voltada para preservação e propagação de informações históricas, compostas de dados, documentos e imagens relativas a pessoas, instituições ou lugares. Trata-se de um relato de memórias que são guardadas como algo sagrado que faz parte da cultura e do viver do povo numa determinada época da História. Nota-se que não obstante a sua incontestável influência na formação da cultura do povo, a música não tem desfrutado de lugar de destaque na historiografia sergipana. A falta de valorização da presença do músico em nossa história, tem prejudicado o nosso desenvolvimento na medida em que nos priva do referencial musical tão necessário à auto afirmação do sergipano. "Povo sem música é povo sem História" (Villa-Lobos).

Em Sergipe, há uma escassa bibliografia disponível sobre os músicos do Estado, limitando-se a pequenas pesquisas ou simples levantamento de dados. Tal fato está longe de significar que Sergipe não tem grandes talentos musicais. Há registros de vários que se destacaram no âmbito regional e nacional. Infelizmente a formação musical em nossa região tem sido limitada, salva apenas por algumas pequenas iniciativas particulares, pelo Conservatório de Música, pela

Sociedade Filarmônica de Sergipe e pela ação incentivadora das bandas de música, nossos "Conservatórios do Interior e da Capital".

Seções do Memorial da Música de Sergipe "Maestro Leosírio Guimarães" incluem Memorial do Professor Leosírio Guimarães; Acervo de Livros de Autores Sergipanos; Acervo Multimídia; Acervo Livros de diversos Autores; Acervo Histórico da SOFISE; Métodos e Exercícios Musicais; Partituras Diversas; Livros sobre Músicas; Pastas de Músicos Sergipanos; Revistas; Coleções de Livros; Histórico de Bandas de Música do Estado de Sergipe.

As publicações realizadas através da Sociedade Filarmônica de Sergipe constantes do Memorial da música têm o objetivo de resgate dos trabalhos musicais realizados no Estado: Pessoas na Música em Sergipe – Pequenas Biografias (2014); Bandas de Música no Curso da História de Sergipe (2014); Hinos e Canções Comemorativas do Estado de Sergipe (2013); Hino Sergipano – Algumas considerações sobre a história e estrutura do Hino (2013); Sergipe Musical – Músicos e Composições século XIX e XX (2008); O Ensino do Canto religioso – Noções Básicas e Técnicas Vocal (2004); O Conservatório de Música de Sergipe (2009); O Ensino do Hino Nacional Brasileiro – para uso nas Escolas e Instituições similares (2009); Leosírio Guimarães Guimarães – Uma Caminhada Musical (2009).

Esperamos que este esforço possa ajudar a passar para os sergipanos, um exemplo do respeito àqueles que nos precederam e nos ensinaram a trilhar o caminho da música em nosso Estado. **C**

FLÁVIO ANTONINI



Flávio Antonini é artista plástico e poeta radicado em Tobias Barreto/SE. Seu trabalho explora temas como sexualidade e absurdo. Tem no currículo algumas exposições individuais realizadas em Aracaju, a exemplo de “Cenas da cidade fábrica”, na galeria de arte do Sesc em 2016, e “Didática nada instrutiva da educação sexual” na galeria J.Inácio em 2017. Além disso, fez uma breve passagem numa exposição coletiva do “Festival Camelo de Arte contemporânea”, em Belo Horizonte. Na escrita, trabalha com contos e poesia, tendo lançado alguns livros de poesia por conta própria, como “Semente para um furacão de facas” de 2013 e “Diamantes e dentes podres” em 2018. É também um dos idealizadores do Sarau de Fora, e do zine CALE-SE em Tobias Barreto.

Ilustrações: Flávio Antonini

P

O

E

S

I

A



As fatias do teu corpo
Agora chegam até mim
Na bandeja da amargura
Pelas mãos pesadas e mortas
Do arrependimento

Abro um site pornográfico na internet
E é como se eu fosse à igreja
Me ajoelhar
E pedir perdão

Nos olhos vazios da atriz que geme
O recebo
Do Deus que nunca aceitei
Em meu peito

Mas lá, longe, na memória,
Teu rosto diminui
Como um sonho
Na cabeça duma formiga

E as fatias do teu amor
Apodrecem na bandeja
Da amargura.

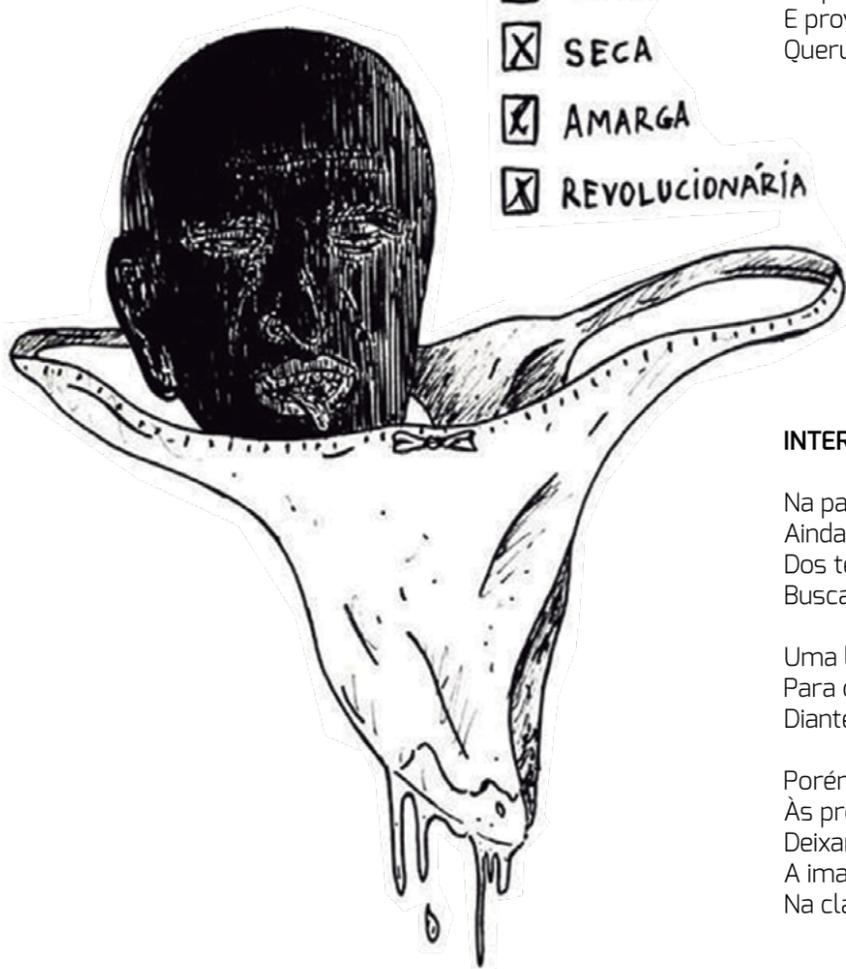
Você dança Serge Gainsbourg
E eu desenho bocetas e versos
Nas paredes da casa
Com seus batons

Anjos devem chorar lágrimas douradas
Porque você é minha
E você é um tiro de trinta e oito
Disparado eternamente contra minha testa

Todas as luzes do meu peito
Apagadas agora por você:
Você dança como um pedaço da noite:
Os enforcados da noite
Todos, buscando o abrigo dos teus olhos

E você é uma arma contra minha testa
Enquanto mastigo seus batons
E provo suas calcinhas
Querubins ejaculam mel em minha boca.

- DOCE
- SECA
- AMARGA
- REVOLUCIONÁRIA

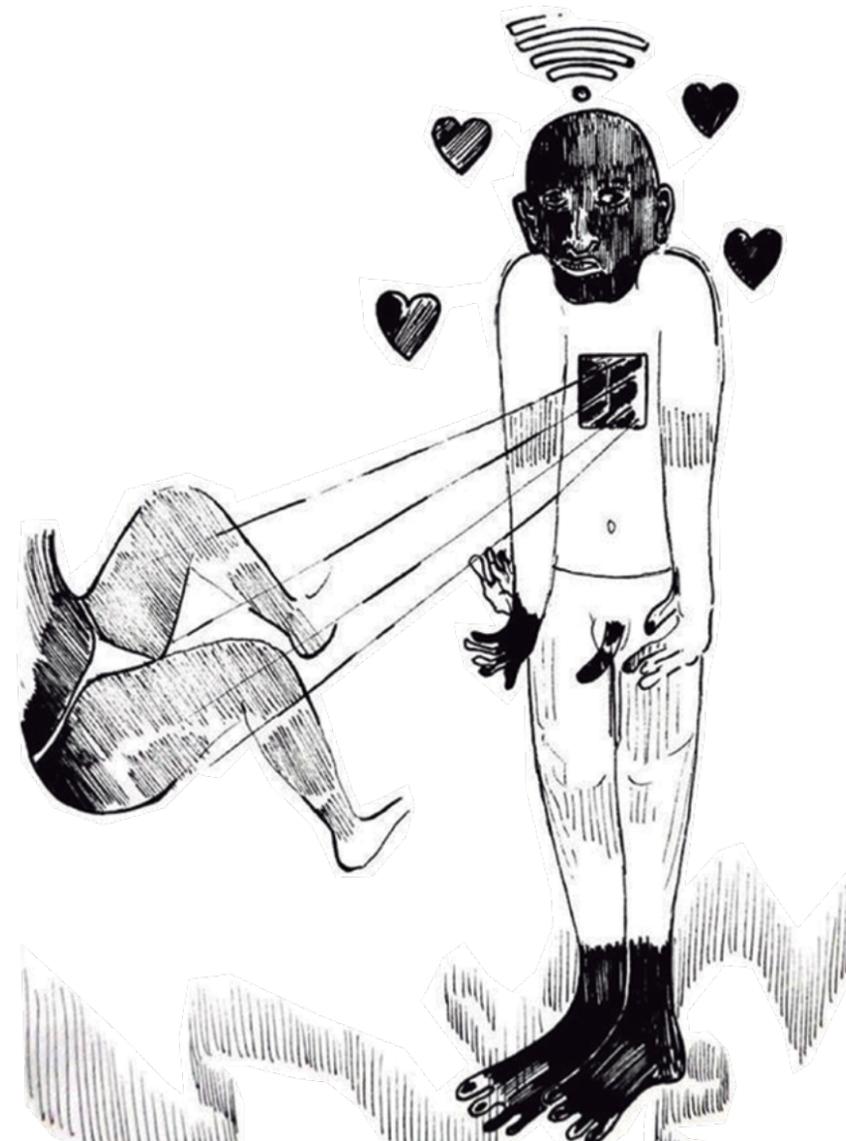


INTERRUPTOR

Na parede do meu quarto
Ainda estão as marcas
Dos teus dedos sujos de batom
Buscando a luz no interruptor

Uma luz como solução escura
Para o meu existir
Diante dos teus olhos

Porém, você partiu assim mesmo,
Às pressas, com a luz apagada,
Deixando para trás
A imagem petrificada da tua sombra
Na clareira do meu peito.



Você queria ser pintora, atriz de cinema...
Eu queria ser a parte do chão que recebe
tua sombra
Os dois tiros que você dava toda noite
O tremor em teus lábios
Um jeito só seu de me cortar ao meio com
os olhos
E devorar com teu lado ruim
O melhor de mim

Talvez nada tenha mudado:
Calcinhas endurecem no varal
O rato ainda mordisca teu colchão
O ralo do banheiro ainda fede
E faz aquele barulho estranho
Que você dizia ter o som da minha voz
Agora é o ralo do banheiro
Que lê Waly Salomão pra você
Talvez você não tenha abortado nosso filho
Talvez ele tenha crescido
E agora te fode no meu lugar

Talvez o amor que te dei
Te fez sorrir numa outra existência
Talvez em outra existência
Você seja uma pincelada de Van Gogh
Num dia feliz de verão
Você queria ser pintora...
Eu sou a tua orelha cortada.

Eu sempre soube que o único deus
Que você adorava era a mentira
Você dizia:
Toda verdade é como uma rosa
Jogada numa sepultura
Ou como uma porta plantada entre
árvores
Num matagal

A cada minuto acendia um cigarro
Com todo o cuidado na execução de cada
gesto
E feria de morte toda paz
Com alguma sentença absurda
Como quem com uma colher torta
Cava na existência
Grãos de uma imortalidade ultrajante

E então se dava por satisfeita tossindo
E deitava-se na cama
Como quem vai buscar no vazio
Outro papel amargo para viver

Eu era o palco e a plateia
Que em silêncio
Lambia em suas coxas o sangue
Das suas verdades assassinadas.

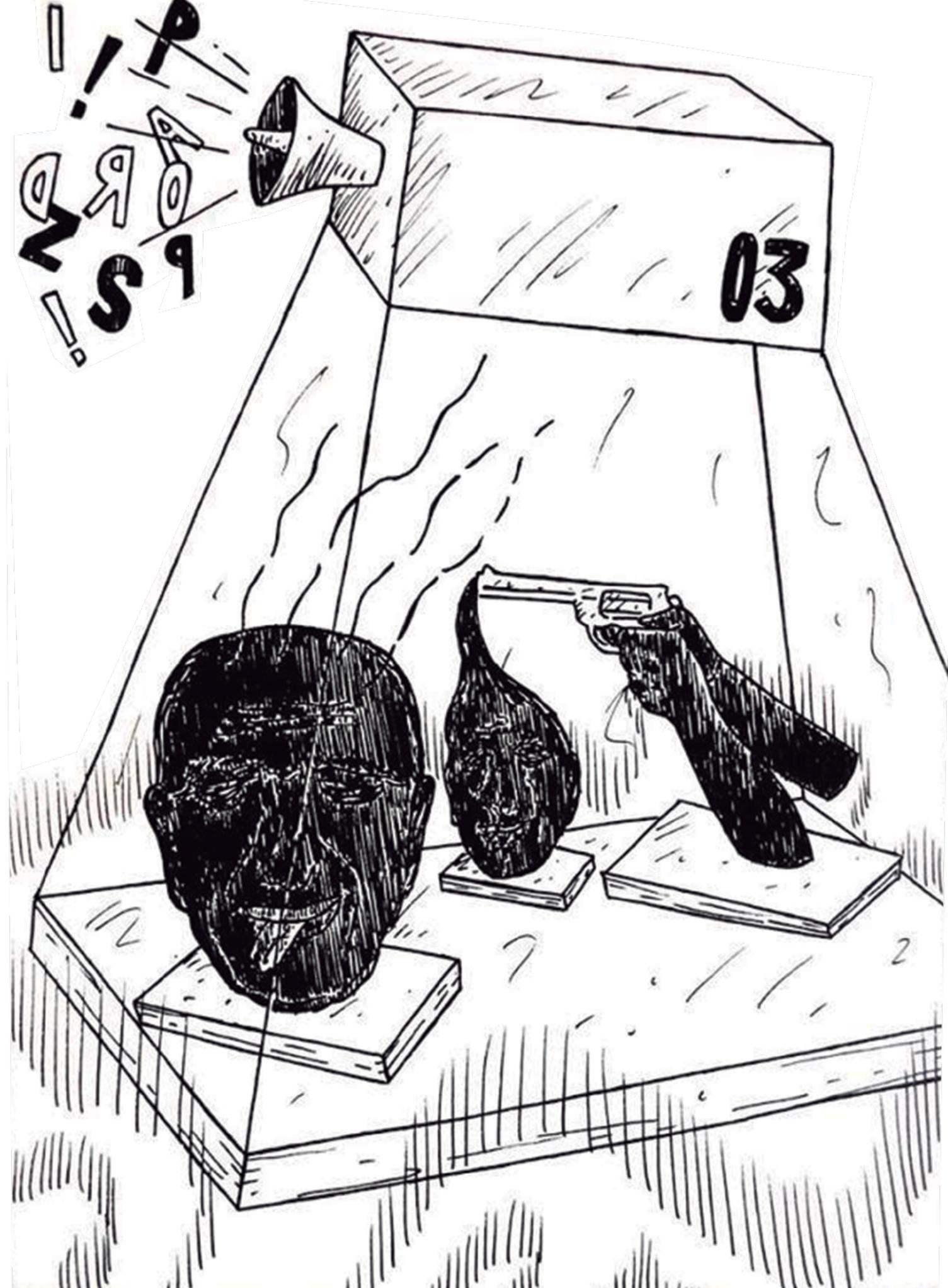
Eu te esperava dormir
Para cuspir em teu rosto
Te humilhar era um vício secreto
Uma forma de poesia

Depois eu te limpava
Cuidadosamente
Para não te acordar
Mas teus olhos sempre abriam
E sorriam para mim
Imaginando o gesto
De minhas mãos
Como o verso mais banal

Hoje eu sento sozinho
Da mesma maneira como você sentava
Naquela cadeira apodrecida no quintal
Bebericando o vinho
Adoecido de minha alma
Sonhando com casas maiores
Nas asas dos pássaros...

Mas é apenas uma maneira
De ser iluminado
Pelo ridículo de sentir-se só:

Eu levanto-me da cadeira
E urino no canto da parede
Em que você costumava chorar
Quando eu assassinava seus pássaros
Dentro dos meus olhos.



O ANOFELINO SOLERTE: MOSQUITO É CADA UM DE NÓS

*Zeza Vasconcelos

Já conhecíamos Marcos Cardoso jornalista, redator de jornal, assessor de comunicação, autor de ensaios periodicamente publicados em seu blog, densos, estudados, entregues ao público no momento certo, levando seus leitores à reflexões e questionamentos, por suas indagações em busca de um mundo melhor, a partir do nosso Sergipe, sempre fugindo do panfletário. Autor do livro Sempre aos Domingos, onde reuniu diversos artigos seus publicados, ricos em perspicácia, questionamentos, buscas, vários deles com pinceladas de humor, sobre questões históricas, sociais e políticas.

Eis que o vírus da ficção lhe cutucou, forçando-lhe ao parto de uma bela história. O próprio autor, já na introdução, coloca-a no grupo dos “romances de formação” e cita alguns exemplos na literatura de Bildungsroman.

É nos romances de formação que as memórias invadem a imaginação do autor. Saul Bellow dizia que “Ficção é uma autobiografia mais elevada”. Lendo O Anofelino Solerte relembramos nossa própria trajetória da infância até a idade adulta, com todas as aventuras e seus riscos. Logo nos imaginamos envolvidos entre pés de cajueiros, mangueiras,

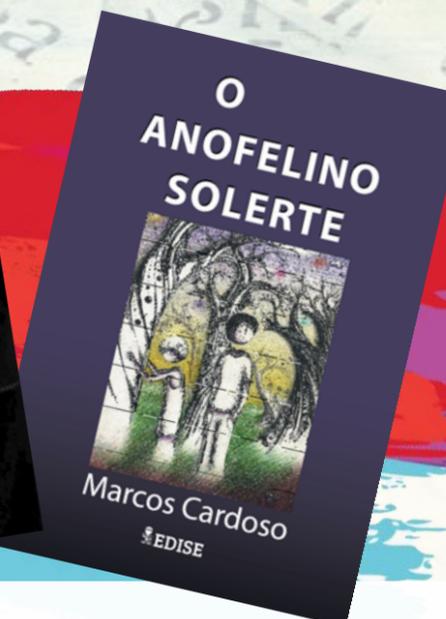
oitizeiros e jaqueiras, ouvindo o chilrear dos pássaros e sentindo a brisa fresca das tardes Aracajuanas. Histórias fantásticas, contadas pela visão onírica do autor, de um tempo em que não existiam shopping centers e a televisão ainda era apenas um recurso coadjuvante na vida de todos.

Para mim, como leitor assíduo que sou, é um prazer quando cai em minhas mãos um livro que me instigue o suficiente, para que não queira abandonar facilmente sua leitura, lendo um capítulo atrás do outro, buscando pelo que vai dar aquela trama, que nos enreda e prende nossa atenção até o fim. E assim foi com O Anofelino Solerte: capítulos curtos, como flashes rápidos, para compor o conjunto da história. Há concisão, numa escrita direta, crua e sem ardores.

É na página vinte que José Agostinho reconhece seu codinome, “Mosquito é o meu apelido”, e descreve a razão. Os apelidos eram frequentes. O narrador, passa pelos diversos extratos e experiências, amalgamando seus próprios sentimentos com os dos entes que lhes circundam. Encarna um pedaço de cada um de nós, que viveu as transformações aceleradas das décadas de sessenta e setenta, percorrendo saltitantes as ruas, sítios, mangues,



Marcos Cardoso
Foto: Pascoal Maynard



“ O Anofelino Solerte é uma viagem para um tempo onde existia uma forte interação humana desde a infância, circundada pela natureza, fortalecendo vínculos e enriquecendo nossas vidas com histórias para serem lembradas e contadas às gerações futuras, quais aedos modernos. ”

areais e praias da nossa Aracaju, que foram, com o tempo, sumindo da nossa vista.

Em época de internet, com facebook, whatsapp, twitter, onde todos circulam magnetizados pela tela do celular, O Anofelino Solerte é uma viagem para um tempo onde existia uma forte interação humana desde a infância, circundada pela natureza, fortalecendo vínculos e enriquecendo nossas vidas com histórias para serem lembradas e contadas às gerações futuras, quais aedos modernos.

Logo no início da história, Mosquito assiste a uma cena que o marcará para sempre, inclusive por sua trágica consequência, lhe martirizando com um sen-

timento de culpa, pelo despertar do seu lado animal, onde por um momento veio-lhe o prazer de assistir a cena do estupro e pelo outro a falta de coragem de reagir àquela situação.

E assim sucedem-se as experiências, as limitações impostas pelos pais, a repressão dos tempos de ditadura, as perdas trágicas de entes queridos da família; a admiração pelo tio mais novo, ator, seu ícone, galanteador, sonhador revolucionário; o primeiro beijo, a sensação de sentir uma língua viva dançando dentro de sua boca. A primeira experiência sexual, “e a primeira a gente nunca esquece”, apesar de rápida e insossa. E depois o orgulho da primeira gonorreia adquirida, como um venéreo troféu de entrar no

Marcos Cardoso com Cândida Oliveira (Segrase)



Com José Augusto



Marcos com a esposa Nadia Cardoso e as filhas Maria Carolina, Paula Gabriela



Com Julia e Pascoal Maynard



“ Os primeiros jogos de amor, os primeiros poemas apaixonados. “-Não ensines aos lábios o desprezo, eles foram feitos para os beijos”. Ser beijado entre citações de Shakespeare é experiência que fica guardada para toda uma vida e assim aconteceu com Mosquito. ”

mundo dos homens. Os primeiros jogos de amor, os primeiros poemas apaixonados. “-Não ensines aos lábios o desprezo, eles foram feitos para os beijos”. Ser beijado entre citações de Shakespeare é experiência que fica guardada para toda uma vida e assim aconteceu com Mosquito.

Como afirma Riobaldo, personagem de Guimarães Rosa em Grande Sertão: Veredas, “Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.” Às vezes, num átimo, a vida dá uma guinada e muda todos os nossos sonhos e planos para o futuro. E um dia, o mundo de Mosquito vira às avessas. Um corte drástico e a descoberta de sua incapacidade para dispor plenamente do seu corpo. O choque sentido pelas mudanças radicais no seu cotidiano. A redescoberta da vida e a revalorização

para a beleza simples das coisas sutis do mundo. A necessidade de deixar para trás o que passou e deixar o tempo curar as feridas.

A vida é uma eterna travessia e no caminho vamos enfrentando suas pedras, e cada pedra topada é o fermento do mais viver. Uma vida são muitas vidas vividas, com vivências trocadas e entrelaçadas, como em uma imensa rede.

A última frase do romance é uma oração: “Viver é despertar todos os dias e começar de novo.” Pode parecer algo mecânico e desprovido do lirismo necessário, mas é a essência da sobrevivência. É mais inteligente vivermos cada dia, como ele se entrega a nós. Carpe Diem. **C**

**É médico e escritor. Autor de O Herbarário de Tia Finha e Outras Curtas Estórias (Editora Criação) e Sara (Edise).*

“ A última frase do romance é uma oração: “Viver é despertar todos os dias e começar de novo.” Pode parecer algo mecânico e desprovido do lirismo necessário, mas é a essência da sobrevivência. ”

Fotos: Gladson Junior



Com Luiz Eduardo Costa



Com Rísia Rodrigues e Adiberto Souza

O Centro Popular de Cultura em Sergipe



Chico Varela e João Augusto Gama

Em 1961, na gestão de Aldo Arantes na Presidência da UNE – União Nacional dos Estudantes –, entidade que congregava nacionalmente todos os estudantes universitários no País, foi criado o CPC – Centro Popular de Cultura – da UNE, que objetivava usar formas políticas da cultura popular para promover a revolução social. O golpe militar de 1º abril de 1964, num dos primeiros atos no Rio de Janeiro, fechou e incendiou a sede da UNE, na praia do Flamengo, nº 132. Com ela, também morria o CPC. O grupo durou apenas quatro anos, de 1961 a 1964. Vida curta, mas intensa.

Em meados da década de 50 do século passado, um grupo de intelectuais de esquerda criou o Teatro de Arena. Augusto Boal, Gianfrancesco Guarnieri, Oduvaldo Vianna Filho (Vianninha), Milton Gonçalves, Vera Gertel, Flávio Migliaccio, entre outros. Após sucessivos fracassos, em 1958, com a revolucionária direção de José Renato e música de Adoniram Barbosa, encenaram a peça “O Cruzeiro Lá no Alto”, depois rebatizada de “Eles Não Usam Black-Tie”, de Gianfrancesco Guarnieri.

O sucesso foi imediato. Sucesso de público e de bilheteria. Entretanto, as divergências ideológicas continuaram. Com isso, Oduvaldo Vianna Filho e Milton Gonçalves abandonaram o Teatro de Arena, durante a temporada no Rio de

democracia

Militares depredam a sede da UNE após o golpe, 1964



UNE Volante



Janeiro e participaram da criação do CPC da UNE, em 1961. O CPC refletia o ambiente de inquietação política e cultural que vivia o Brasil no Governo de Jango.

O principal objetivo deles era a propaganda política: definir estratégias para fazer da atividade cultural um instrumento de conscientização do operário e do homem do campo. Os jovens intelectuais que se organizaram em torno de um novo papel da arte e do artista pretendiam interferir no processo político do País. Um Brasil progressista, em que o crescimento do sindicalismo, do movimento dos trabalhadores rurais, da discussão das Reformas de Base, defendidas pelo presidente João Goulart, da educação revolucionária e inovadora do Método de Alfabetização Paulo Freire, levavam a crer que uma mudança profunda estaria em curso.

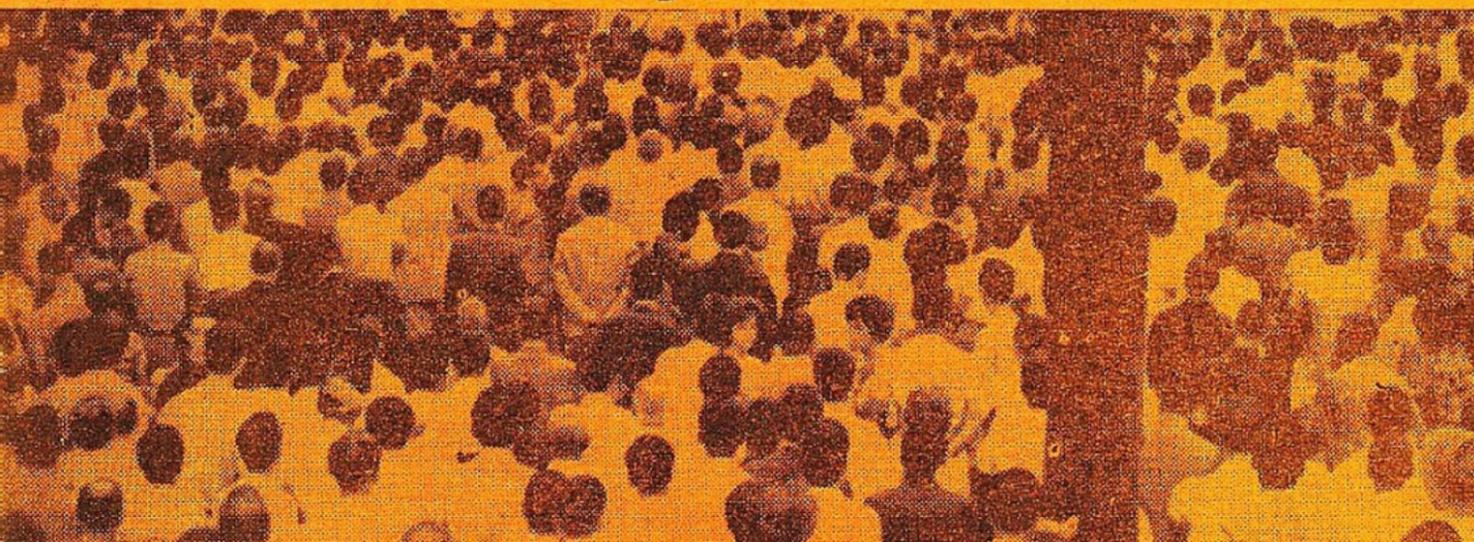
Os espetáculos produzidos pelos CPCs eram apresentados em portas de fábricas, favelas, sindicatos, escolas, associações de bairro. Onde houvesse público. Gente. Povo. Povão. As peças eram didáticas na medida em que pretendiam devolver ao povo “a consciência de si mesmo”. Em 1962, foi criada a UNE Volante, que sai pelo Brasil em espetáculos mambembes.

Praticamente, todas as UEEs – União Estadual dos Estudantes –, entidades estaduais, criaram também os CPCs. Em Sergipe, na gestão de Alexandre Diniz, como presidente da UEE, foi criado

o CPC da UEE, em 1962. Contando com um pequeno elenco, o CPC montou, durante os dois anos em que existiu, várias peças e esquetes revolucionários. Apresentou “O Povo Canta”, com os esquetes “O Subdesenvolvido”, “João da Silva”, “Canção do Trilhãozinho”, “Grilheiro Vem”, “Zé da Silva” e “Zelão”, do cantor e compositor Sérgio Ricardo. As platéias iam ao orgasmo com João da Silva, “...cidadão sem compromisso não manja disso que o francês chama l’argent...”. O CPC da UEE se exibia também em sindicatos urbanos e rurais. Em Aracaju, havia apresentações semanais no Centro Operário e na SUOF – Sociedade União dos Operários Ferroviários. Ambas com clara influência do Partido Comunista Brasileiro, o PCBão.

O ponto máximo das apresentações eram dois poemas revolucionários de Vinicius de Moraes. Se o sindicato era urbano, o espetáculo era fechado com “Operário em Construção”, recitado por João Augusto Gama da Silva. O poema colocava o questionamento de o operário construir todas as grandes obras e não ter onde morar. Se rural, era a vez de “Os Homens da Terra”, recitado por Chico Varela. Onde os homens da terra eram admoestados: “...senhores barões da terra, preparaí vossa mortalha, porque desfrutais da terra e a terra é de quem trabalha...”. Os espetáculos, fossem urbanos ou rurais, acabavam

centro popular de cultura o povo canta



União nacional dos estudantes

sempre apoteoticamente. Com as plateias inflamadas. A Revolução estava por um fio!

Das poucas peças teatrais não engajadas – não revolucionárias – que também fizeram sucesso, à época, foi “Pluft, o Fantasminha”, de Maria Clara Machado. Encenada pelo TIM – Teatro Infantil do Modelo –, cuja diretora era Maria José de Oliveira. Era agosto de 1963. Montada pelo MCP – Movimento de Cultura Popular –, da Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Sergipe, o teatro engajado voltou à ribalta e ao sucesso.

Tendo à frente o Dr. Luis Rabello Leite como Secretário, no Governo Seixas Dórea, com a direção de Wilson Maux, contratado exclusivamente para o evento, foi montada “A Derradeira Ceia”, de Luis Marinho, com João Augusto Gama e Zelita Correia nos principais papéis: Lampião e Maria Bonita, respectivamente. O paraibano Wilson Maux já era conhecido em Sergipe. Contratado pelo Teatro Gato de Botas, tinha dirigido “Eles Não Usam Black-Tie”, com Aglaé e Alencarzinho nos principais papéis.

Fez um estrondoso sucesso. Um ou dois anos depois, Maux foi assistente de direção do filme “Menino de Engenho”, baseado na obra de Zé Lins do Rego. Porém, quem gostava muito desses espetáculos, eram as forças da repressão. Raramente perdiam uma performance.

Gostavam tanto que sempre gravavam ou fotografavam. O acervo deles era bem maior do que o dos participantes. Porém, aos “astros”, muitos IPMs, muita cadeia e muita perseguição.

O golpe de 1º de abril de 1964 cala local e nacionalmente todas as manifestações culturais consideradas subversivas. Neologismo trazido pela Ditadura que ora se instalava e reprimia a tudo e a todos, que não lhe interessavam ou agradavam. Esse ato de violência cultural calou o teatro sergipano por vários anos. Somente em 1967, o professor João Costa escreveu o texto de “Recital sem Opus” e Luiz Antônio Barreto musicou. Espetáculo de altíssimo gabarito, que faz ressurgir as artes cênicas em Sergipe, lançando seu nome regional e nacionalmente. “Recital sem Opus” ganhou dois Festivais de Teatro. Um, regional, na Paraíba, em 1967 e outro, nacional, no Rio de Janeiro, em 1968.

Com um elenco amador e experiente, subiram ao palco João Costa, Luiz Antônio Barreto, Antônio Joaquim Filho, João Augusto Gama da Silva, Orlando Vieira e Chico Varela. Disputaram com pesos-pesados do Teatro Universitário, como o Tuca (Teatro da Universidade Católica do Rio) e o de São Paulo, o Tupe (Teatro Universitário de Pernambuco), entre outros maiores do teatro universitário. Foi um momento de glória para o teatro sergipano! 

Estudantes protestam na sede da UNE



Resistência
à ditadura



A UNE
em defesa
da
DEMOCRACIA

resistir

CERTIFICANDO A SUA SEGURANÇA DIGITAL.



www.segrase.se.gov.br

SERVIÇOS GRÁFICOS DE SERGIPE
Segrase

O certificado digital contido neste cartão é pessoal e intransferível. Mantenha o cartão em local seguro e não divulgue sua senha. Em caso de extravio, providencie imediatamente a revogação do certificado.

Imprensa Oficial

Autoridade Certificadora do
Governo do Estado de São Paulo



Rua Propriá, 227 - Centro, Aracaju (SE)



(79) 3205 7439



certificado.digital@segrase.se.gov.br

